LAMPIÃO
da esquina

Ano I — Nº 1 — 25 de maio a 25 de junho de 1978 — Cr$ 15,00

CINELÂNDIA, ALASKA, SÃO JOÃO

AS RELAÇÕES PERIGOSAS

Este é "Gaúcho," um rapaz de vida fácil. Ele matou um homem a socos e pontapés

1 • A Igreja e os homossexuais

2 • A peça de Darcy Penteado

3 • Poemas de Schmidt e Mário de Andrade

4 • A verdade sobre o carnaval baiano

A revolta dos fãs de Rivelino

COMO ENFRENTAR A NOITE CARIOCA

Nossas gaiolas comuns

> Parece que vives
> sempre de uma
> gaiola envolvida,
> isenta, numa gaiola,
> de uma gaiola
> vestida,
> de uma gaiola,
> cortada em tua
> exata medida
> numa matéria
> isolante:
> gaiola-blusa
> ou camisa.
> (Mulher
> vestida de gaiola,
> João Cabral de
> Melo Neto)

"Uma metalúrgica que luta pelos seus direitos salariais no sindicato, mas aceita as imposições ditadas pela moral sexual dominante nas relações com seu companheiro, ou um bancário que se engaja no movimento de liberação dos homossexuais, mas ignora a luta pelos direitos sindicais, estão alheios, um quanto o outro, da luta mais ampla".

As lutas das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos indios, dos prisioneiros — categorias historicamente silenciosas — têm nos ensinado que a História tem sujeitos e objetos, aqueles que falam e aqueles de quem se fala, mas também que os sujeitos variam ao longo deste processo. Estas lutas têm ainda nos ensinado que o conhecimento pode ser sinônimo de poder e que a fala torna visíveis questões concretas mas não reconhecidas, não registradas, portanto sem existência histórica. Essa fala, no entanto, ao mesmo tempo que revolucionária é conservadora por ser parte de uma linguagem, desta mesma linguagem que por tanto tempo manteve invisíveis as categorias de pessoas que agora começam a tentar um autoreconhecimento tentanto afirmar-se como sujeitos de sua própria história.

Este jornal se queixa, no seu número zero, de não haver encontrado mulheres dispostas a colaborar com ele em sua luta comum de pessoas que não aceitam ser definidas como desiguais em relação a outras pessoas. Mesmo reconhecendo que o fortalecimento de posições especificas é importante numa luta mais ampla — cujo resultado deveria poder ser o reconhecimento das diferencas, sem que isto implicasse em desigualdade — é importante não perder de vista este objetivo comum e talvez seja saudável tentar verificar, de vez em quando, os avancos na abertura desta estrada que tem muitas trilhas. Uma estrada difícil de abrir esta, no emaranhado de noções contraditórias com que nos deparamos cotidianamente, na maior parte do tempo nem sequer nomeadas, quanto mais bem definidas.

A resistência contra a opressão talvez seja tão antiga quanto esta e tem assumido várias formas. Pouco sabemos dos personagens e das lutas contra uma classificação sexual entre os seres humanos. As discussões sobre estas formas não assumem em geral o ponto de vista do **possível**, mas partem de suposições biológicas ou racionalizantes, e o tema é na maioria das vezes obscurecido pelo fantasma da reprodução da espécie humana. É impossivel escapar desses fantasmas — o da reprodução, o de uma linguagem carregada de significados historicamente conservadores e tantos outros — mas é possível, talvez, tentar pensar em têrmos políticos nas tarefas dos grupos empenhados neste auto reconhecimento de seu estatuto social: falamos aqui particularmente de categorias sexuais.

A primeira tarefa parece ser então a que está sendo muito lentamente tentada nos bares, nos cinemas (na tela e fora dela), nas universidades, nos pequenos jornais onde essas tentativas se expressam, na vida de todos dias: a de tornar visível o que todos vêem mas que permanece na sombra, a de nomear em voz alta o que todos conhecem mas sobre o que se calam. Em suma, comparando experiências concretas, concentrar e definir um conhecimento difuso e vago, mas ainda assim uma forma de saber sobre nós mesmos — serês individuais e sociais — que todos possuimos. Esta não é uma tarefa tão fácil como poderia parecer à primeira vista. Em primeiro lugar, porque temos o hábito de nos deixar pensar por outros e, depois, porque é só no momento de experimentar as definições que começam a surgir as múltiplas possibilidades de cercá-las. Cada um tem seu próprio mapa do caminho a percorrer. Como desvendar as diferencas, sem transformá-las em marca de desigualdade? Como organizar uma fala sobre o específico que não ignore o geral?

No entanto, é só nessa discussão, nessa busca conjunta, que poderemos descobrir nossos pontos fortes e nossas fraquezas e partir para um outro momento de luta. Só depois de lutarmos com unhas e dentes para definir concretamente as formas específicas de nossa existência — e sua relação entre si — podemos pensar em tentar assegurar a sua convivência, porque só então teremos a certeza de que cada uma dessas formas estará suficientemente fortalecida para impedir sua dominação por outras.

Isto é, em termos de definições sexuais, cada uma das categorias deveria ter bem claro como se autodefine e como este enunciado dos atributos essenciais e específicos que a tornam inconfundível, ao mesmo tempo a relaciona com outras categorias sociais. Isto não significa um isolamento das várias categorias ou grupos fechados em si mesmos em busca apenas de sua identidade sexual (neste sociedade nossas identidades são múltiplas), mas sim uma reflexão prévia a qualquer discussão mais geral, única maneira de reconhecer claramente os seus objetivos e interesses e que papel eles podem desempenhar, ou desempenham, na luta mais ampla pela igualdade social.

Duas questões

Quais são as dificuldades, então, dentro desta perspectiva mais ampla que nos aproxima da luta de outras categorias sociais, da tentativa que se faz hoje de definir muito concretamente o que significa ser **mulher**, ser **homossexual** ou ser **homem** (para ficarmos só com as classificações mais em evidência) - em nossa sociedade? Duas questões, uma sobre a "irrelevância" desta tentativa, outra sobre o papel da história, podem nos ajudar a responder a esta pergunta.

Quantos de nós, interessados nessas definições, já não ouvimos por toda parte algum comentário sobre a irrelevância desta luta, que seria sempre secundária em relação à luta principal — isto é, a da transformação geral da sociedade? (Um pouco como era "irrelevante" a luta de classes interna ao Brasil pré-64, face à luta "mais ampla", que deveria congregar a todos, contra o capital estrangeiro? E que deu no que deu.) É tática comum em política apagar as diferenças internas para fazer frente a um inimigo principal. Só que o inimigo está dentro de casa, e dentro de cada um de nós. Se somos todos peixes apanhados nessa rede de definições pré-estabelecidas, nossa única chance de escapar dela é visualisá-la constantemente perguntando a que propósitos ela serve, qual é a malha especifica em que nos encontramos (nesta rede maior) e lembrar que ela pode ser desfeita como foi tecida.

Este quadriculado social tem uma história e nossas várias pequenas histórias se articulam dentro dele. Mas a mesma história que pode servir para compreendermos melhor o nosso presente — por exemplo, quando pensamos na atomização da luta das mulheres russas logo após 1917, que as fez perder rapidamente os direitos conquistados no calor da Revolução — é também freqüentemente utilizada para **justificá-lo**. Ecos repetidos da pergunta pelas origens, que nos leva sempre a um beco sem saida: "**sempre** foi assim, em todas as sociedades conhecidas, a mulher ocupou **sempre** uma posição subordinada em relação oas homens", ou, "o homossexualismo **sempre** apareceu na história em momentos de crise da humanidade, como uma espécie de autofagia da espécie humana, ou sinal de sua decadência", ou ainda, "desde os primatas que o macho é o ser agressivo por excelência, sua relação foi **sempre** com o mundo exterior e **sempre** de dominação."

O ovo e a galinha

A questão das origens é importante porque em qualquer discussão sobre a desigualdade entre os sexos (e talvez sobre outras?) ela acaba voltando, de cambulhada com a velha ilusória pergunta: o que vem primeiro, o ovo ou a galinha? Se à primeira questão podemos responder clara e descaradamente: mesmo que tenha sido **sempre** assim, por hipótese, daqui para a frente pode ser diferente (o fato de minha bisavó não ter conhecido a luz elétrica não me obrigava a viver às escuras), o mesmo não ocorre com a segunda, sobre a prioridade nas várias lutas pela igualdade social.

Aprofundando um pouco as colocações iniciais: categorias sexuais **são** específicas e essa especificidade deve ser concretamente analisada por todos os interessados em seu esclarecimento. O que não implica em perder de vista não só as conexões destas várias categorias entre si, uma vez que muitos de seus problemas são relacionados, nem as que existem com outras categorias sociais. Nesse sentido é que a questão da homossexualidade, que começa a definir-se claramente, tem importância para iluminar a problemática mais geral da sexualidade humana. Neste terreno, tentados a dividir o mundo em masculino e feminino, podemos ser levados a acreditar que o inimigo principal da mulher é o homem — e vice-versa — e que ela é o único ser aprisionado neste mundo: libertando-se ela de sua gaiola-ilha, a gaiola sem medida que faz divisa com a sua, como diz João Cabral, também desaparecia como num passe de mágica. Para não falar de outros problemas — ao definir, o específico, enfrentamos o risco de criar novas divisões, novas separações, favorecendo uma atomização que dificultaria qualquer frente de luta comum. Levantar a questão do homossexualismo — masculino ou feminino — implica assim em questionar essa visão polarizada, tradicional.

Mas se nos contentarmos em olhar as **expressões** do mundo à nossa volta, sem procurarmos conhecer os mecanismos mais intimos de sua **produção**, a resolução nesse primeiro nível (masculino/feminino) poderia nos parecer satisfatória. Na sua realidade concreta as coisas estão mais entrelaçadas e é só ao falarmos sobre elas, tentando organizá-las, que podemos pensar em "momentos" ou "etapas" ou seja o que for. Uma metalúrgica que luta pelos seus direitos salariais no sindicato, mas aceita as imposições ditadas pela moral sexual dominante nas relações com seu companheiro, ou um bancário que se engaja no movimento de liberação dos homossexuais, mas ignora a luta pelos direitos sindicais, estão alheios, um quanto o outro, da luta mais ampla. Ou atacamos **ao mesmo tempo** um sistema econômico que mantém os salários baixos e produz uma ideologia que afirma, entre outras coisas, que o lugar da mulher é em casa — o que supõe um conhecimento organizado das várias formas específicas de atuação dessa ideologia — ou estaremos trocando as estátuas sem mexer nos pedestais.

Seria um erro pensar que essas análises e essas lutas pudessem ser feitas isoladamente, assim como pensar na definição de categorias sexuais como um fenômeno isolado. Insisto em que cabe à mulher lutar pelos seus direitos, questionar sua posição (e isto vale para qualquer categoria social), mas fazermos isto de olhos abertos para a real complexidade em que estamos envolvidas. A posição idealista e individualista de liberação deve ser superada: ou tentamos, todos juntos, abrir a porta da gaiola, ou permaneceremos lá dentro, cada um com a ilusão de que está numa gaiola particular. Isto não significa esquecer a singularidade da situação da mulher, ou de outras situações, mas implica em ter plena consciência da gaiola-blusa vestida por todos nós, cada um à sua maneira. Uma gaiola-blusa cuja exata finalidade é a de dar a impressão de ter sido feita sob medida, quando basta olhar o mundo lá fora — e não apenas ser olhado e aceitar esse olhar — para perceber que, como tudo neste mundo em que vivemos, ela é produzida em série.

(Mariza)

LAMPIÃO

Conselho Editorial: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gaspariano Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry

Coordenador de edição: Aguinaldo Silva

Colaboradores: Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, Nica Bonfim, Farnese de Andrade, Luís Canabrava (Rio); José Pires Barrozo Filho, Paulo Augusto (Niterói); Edward MacRae, Mariza (Campinas); Amylton Almeida (Vitória); Glauco Matoso, Celso Cúri, Caio Fernando Abreu (São Paulo); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Franklin Jorge (Natal).

Fotos: Billy Aciolly (Rio), Dimas Schtini (São Paulo) e arquivo.

Arte: Ivan Joaquim, Mem de Sá.

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina, Editora de Jornais, Livros e Revistas Ltda.

Endereço: Caixa Postal 41031, ZC-09 (Santa Teresa), Rio de Janeiro — RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento 189/203 — Rio. Distribuição: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente. Rua da Constituição 65/67, Rio.

Peter Fry e Edward MacRae

Mesmo no Carnaval baiano, cada macaco no seu galho

"Apesar de ser considerada por muitos como o local preferido pelo "Gay power" e, por outros, ponto de concentração de marginais, a Praça Castro Alves mais uma vez foi o centro nervoso do carnaval em Salvador". Essa constatação foi de um repórter do jornal baiano A Tarde. Mas que tal invertermos o argumento? Não será justamente por ter a fama de lugar de encontro de gente que transa que a Praça Castro Alves é o centro nervoso do carnaval baiano?

A mais nova "tradição secular" da Bahia chega ao auge: um travesti recebe um santo em plena escadaria da fama, em meio ao carnaval

Quando pensei em escrever sobre o carnaval da Bahia, passou-me pela cabeça lançar mais uma contribuição à discussão sobre o carnaval como um ritual de rebelião. Os antropólogos adoram falar em "inversão de papéis" (citam os travestis, especialmente), e não são poucos os que vêm o carnaval como válvula de escape que contribui para a manutenção da ordem do dia a dia. Esquecem esses antropólogos, e intelectuais em geral, que tal inversão está muito mais na cabeça das pessoas (especialmente dos ideólogos do carnaval) que na realidade.

Mas inversão há uma. E se dá na Praça Castro Alves. Lá, gente que normalmente se congrega fora dos lugares do poder, que transa às escondidas dos olhares dos respeitáveis, que arca com a ridicularização da maioria, toma conta do centro do Carnaval, pois a Praça Castro Alves fica na confluência das três ruas principais de Salvador, Avenida Sete, Rua Chile e Rua Calos Gomes. Encimando a praça fica o Palácio dos Desportes, um edifício sem grandes dotes arquitetônicos, mas possuindo uma escadaria que finaliza na praça.

DIAS DE GLÓRIA — Duante os dias de sábado e domingo, os homens mais coloridos, fantasiados de **vamp**, de empregada doméstica (ou ambos ao mesmo tempo) sobem e descem a escada, recebendo aplausos entusiasmados da multidão. Alguns provenientes, muitas vezes, de cidadezinhas do interior, deslumbrados com a repentina fama e **status** de estrela, não cansam de subir e descer o dia todo — às vezes até, voltando para casa, para trocar de roupa e tornar a desfilar.

No ano passado, como costuma acontecer na Bahia, surgiu uma **nova** tradição **secular**. Um grupo de rapzes, desgostosos com a maneira pela qual a indústria do turismo está explorando uma tradição realmente secular na Bahia, convertendo todas as escadas de todas as igrejas em coisas a serem lavadas ritualmente pelas baianas, resolveram lavar sua própria escada: a do Palácio dos Desportos.

Saindo do "Bar do Beto" e seguindo pelo Restaurante e Bar "O Tempo", onde o dono, que é pai de santo, vai dar sua bênção ao cortejo, os rapazes seguem a caminho da praça. Estão vestidos mais ou menos de baiana — de branco basicamente, com colares imensos, coroas de angélica e potes d'água na cabeça. Um carrega, em duvidosa homenagem a Mário Cravo, uma réplica da escultura do artista (plantada em frente ao Teatro Modelo), feita de isopor e apoiada num escorredor de pratos de plástico vermelho, e tanto este como outros trazem barbas exuberantes.

A Praça, a essa altura, está na maior expectativa; cheíssima de gente que procura ver a escadaria. O sol torra e o poeta (Castro Alves), em cima do seu pedestral, parece o regente dessas orquestra surrealista. As "baianas", com dificuldade, conseguem entrar pela praça, dirigindo-se, na base da força, rumo à escadaria. Sobem alguns degraus e começam a lavagem. De repente tudo é sabão em pó e água e espuma e muita confusão. Um procura lavar o seu pedacinho da escada com uma escova de dente, enquanto outro faz questão de lançar angélicas sobre a multidão. O deboche é total e o povo delira.

E não só o povo. Lá na escada, um travesti, vestido de branco e com um colar de xangô, começa a se agitar, como se estivesse recebendo um santo, sendo aclamado por outro participante. Logo as "baianas" são absorvidas pela multidão, o Carnaval continua, a escada torna mais uma vez a receber o delicado pisar dos que visam à fama efêmera do momento.

UMA FESTA MÓVEL — Roberto Barbosa, Babalu, J. Cunha e outros organizadores são muito conscientes do que fazem; é para esculhambar— mesmo, para satirizar o excesso de lavagens que a Bahiatursa promove. Mas a lavagem da Escadaria da Fama está perdendo á graça, segundo alguns — afinal de contas, já virou tradição. Para o próximo ano, Roberto está planejando novos lances — um banho de mar à fantasia, no porto da Barra, na sexta-feira de manhã, e um novo tipo de trio elétrico. Acha que chegou o momento de esculhambar, também, com mais esta tradição; pretende alugar um ou dois trios que, lotados de travestis, tocarão durante uma hora músicas fúnebres.

Durante o carnaval todo, a Praça Castro Alves é um espetáculo orgânico que foge do previsível dos blocos e afoxês. E a grande contribuição é de gente que transa, que, com uma energia criativa e um senso de humor mordaz, aproveita a situação para se divertir às custas das caretices da vida cotidiana. Os ideólogos do carnaval devem ficar satisfeitíssimos. Com lápis e caderno na mão, podem notar que o centro do carnaval é lugar de gente da periferia da moralidade dominante. Por quatro dias, gente que vive às margens toma conta do centro.

Mas tem seu lado triste, este acontecimento de tanta euforia, pois no final das contas, apesar de tanta fantasia, deboche e sátira, acabam jogando o jogo do poder. "Gente que transa sexualmente com pessoas do mesmo sexo é diferente", diz o poder. Gente que transa com pessoas do mesmo sexo é homossexual, é guei, diz o poder. E gente assim tem o seu devido lugar. Por 361 dias do ano deverão ou disfarçar ou ficar bem longe dos olhos dos cidadãos que não gostam de quem tem esse tipo de transa. Durante os quatro dias do carnaval devem, entretanto, ficar no centro do mundo para fazer do carnaval um carnaval.

Pois, voltando ao nosso repórter de A Tarde, a Praça Castro Alves não seria o centro do carnaval sem as esculhambações da Escadaria da Fama. É assim. Provavelmente sem querer, os que vão se divertir na Praça Castro Alves acabam pisando a trilha já assentada pelos ideólogos do carnaval, que dizem ser este "uma inversão da vida cotidiana". Por "assumir", acabam assumindo o que o poder que que assumam — não uma posição igual a de todo mundo, mas sim o papel de bobo da corte. O poder deve ficar bastante contente com os acontecimentos da Praça Castro Alves, pois eles demonstram que, no fundo dos fundos, cada macaco tem o seu galho.

CINELANDIA-ALASKA-SÃO JOÃO

Os caubois, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação

Onze e meia da noite de uma sexta para sábado. O local tanto pode ser a Cinelândia ou Galeria Alaska, no Rio, quanto a Avenida São João, em São Paulo. Desde as seis da tarde — horário de saída dos escritórios das imediações — que o movimento não pára —, e não vai parar até três, quatro horas da manhã de domingo. É o conhecido triângulo da badalação **entendida**, para uns; para outros, da prostituição masculina no Rio e em São Paulo: Cinelândia-Alaska-São João, onde se amontoa uma população **diferente**, de homossexuais de todos os tipos, de um lado, aos que vivem às custas desse gueto tropical, do outro.

Não há propriamente **lados** entre uns e outros. Apenas para efeito de narração, pode-se dizer que a escala, entre homossexuais, vai do folclore bravio das bichas marginalizadas, que usam roupas de mulher — nem sempre caracterizadas como verdadeiros travestis, compondo, neste caso, tipos híbridos entre homem e mulher —, aos viados distintos, indivíduos bem postos, quando não magnificamente localizados na escala social, componentes da base econômica sobre a qual se movimenta este meio quase sempre divulgado apenas no que tem de mais superficial e evidente.

Entre os que giram — e sobrevivem — em torno dos últimos, há desde os mais reles meninos de programa, michêzinhos de 40 a 100 cruzeiros por pernoite, até os profissionais competentes, fisicamente atraentes, capazes de extrair, principalmente de turistas daqui e de fora, quantias de 500 a 1.000 cruzeiros em cada uma de suas saídas. Bem observados, travestis e viados finos, michês baratos e prostitutos de alto bordo, são todos meninos — não importa a idade — jogados entre a bondade e a perversidade sem limites, pois no, assim chamemos, triângulo da **pegação**, bem e mal têm fronteiras extremamente fluídas. Talvez porque ali vivam todos, de uma ou de outra forma, sob severa pressão social, funcionando os fins de semana como festa, escape, meio de vida destes pobres meninos precocemente envelhecidos (os profissionais), destas crianças crescidas que se negam a envelhecer (os homossexuais).

A mim, nuns desses sábados e domingos, coube desempenhar o papel de observador e entrevistador. Uma personagem como qualquer outra, dentre as tantas que varam esse jogo de espelhos que mistura áspera realidade, certo fascínio e ocasionais aparências entre ser e não ser, nuanças de um só problema — o da difícil sobrevivência de seres humanos nos guetos sem portas das grandes cidades, lugares onde às vezes o algoz é vítima, o errado parece certo, e assim por diante.

NOITE DE SEXTA

A Cinelândia carioca regurgita. Há fulgores nos cartazes luminosos, no forte odor de perfume das mulheres e travestis que circulam, sem parar, pelas calçadas. Vozes se elevam, excitadas. Nos tradicionais Amarelinho e Super-Bar a clientela, mista, se acotovela literalmente nas mesas e cadeiras instaladas sobre o calçadão daquilo que se convencionou chamar de "nova Cinelândia", instalada sobre as obras, já concluídas, de uma das principais estações do futuro metrô do Rio. Há de tudo. Casais de aparência suburbana, saídos ou à espera de uma ida a um dos sete cinemas próximos; travestis totais ou seres híbridos, quase sempre em bandos; igualmente em grupos, a ala "masculina" da área: profissionais em busca de michês, passantes ocasionais (?), mais trios e quartetos de comerciários e bancários que se embebedam ruidosamente, no prenúncio da curta liberdade dos dois próximos dias sem obrigação da gravata e relógio de ponto.

Na esquina do cinema Odeon a cena: um rapazinho louro, forte, calças apertadas sobre as nádegas e coxas salientes, olha muito para os **entendidos** que passam, principalmente para os mais velhos que, na certa, lhe proporcionarão um michê melhor remunerado. Vou direto a ele. "Oi, tudo bem? Está passeando?"/ "É, vendo as modas"./ "Você é daqui?"/ "Não. De São Paulo. Tou no Rio tem uma semana.": o clássico início de conversa. A princípio não quer acreditar que sou jornalista e pretendo só uma entrevista, para esta matéria. Depois, no Amarelinho, após o segundo chopp, começa a falar.

"Gaúcho", antes do crime: "Tá tudo muito preto mesmo..."

A acreditar-se no próprio, J.A.M. (iniciais do seu nome) é menor, de 17 anos. É dos típicos prostitutos que sobrevivem no triângulo da pegação paulista-carioca. Verdadeira ou inventada, mais certamente mistura da verdade e imaginação, sua história não difere das de tantos outros, menores e maiores — "que estão nesse inferno, igual a mim", segundo diz o garotão, num depoimento de placidez terrível, em que ocorrências e fatos são contados sem que a voz, ainda meio infantil, indique qualquer emoção, senão rápidos, quase imperceptíveis toques de confusa revolta social.

Para alguns, J.A.M. diz chamar-se "César". Para outros, "Paulo". Afirma ser filho de um eletricista de teatro, de São Paulo, com quem brigou por razões obscuras que variam, durante a conversa, da sua "vontade de parar com os estudos", ao fato de o pai, "um cara sacana", ter arranjado, depois de se separar da mãe de J.A.M., outra mulher — "uma bruxa, saca?, que até chifre já pôs no velho". Seja como for, a briga com o pai serviu de pretexto para sua vinda para o Rio.

Há quase dois anos, desde os 15, portanto, ele se tornou um michê, também chamado midi-naiti-cauboi, na gíria dos entendidos paulistas e cariocas. Como todos os seus colegas de atividade, J.A.M. já morou pelo menos "nuns vinte apês (apartamentos) de bichas, mariconas e de caras legais" — entendendo-se, por esta variada designação, os homossexuais de tiques francamente efeminados (as bichas propriamente ditas), aqueles que "não dão bandeira" (não demonstram tão claramente seus gostos sexuais) e, no ítem dos "caras bacanas", ou "transadores", os participantes ecléticos, que tanto podem agir como ativos, passivos ou eventuais companheiros de mulheres, quanto proporcionar, a meninos como J. A. M., qualquer coisa parecida com uma amizade de momento, desinteressados dos seus serviços de alcova.

Nenhuma dessas ligações duram mais do que algumas semanas, porém, porque "todo carinha, mesmo bacanão, quando dá guarida pra gente já quer logo mandar, acha que é dono do garotão". As dormidas de J.A.M. se dividem entre quartos de hotéis de luxo ("Gringo é uma boa. Solta grana firme.") e apartamentos da zona sul do Rio, as modestas acomodações em casas de cômodos da antiga Lapa ou, nas noites solitárias, de pouco ou nenhum dinheiro, aos infectos cubículos de hospedarias das ruas Morais e Vale, Riachuelo e Avenida Gomes Freyre, no centro da cidade. Hoteizinhos inqualificáveis, onde "o espanhol (os gerentes são quase todos espanhóis) é gente boa, que deixa a conta pra gente pagar no fim de semana, quando pinta um michê rico nas paradas".

A conta, no caso, refere-se às diárias, entre 30 e 50 cruzeiros por pernoite. Quanto aos critérios de remuneração, por michê, são os mais elásticos possíveis. "Coroa rico dá até quinhentão (500 cruzeiros) de cada vez. Mas tem bicha mixa que não rende nem um galo (50 cruzeiros), e eu já fico numa boa quando faturo uma perna (100 cruzeiros) pra matar a fome e pagar a hospedaria". É tudo uma questão de sorte. "E de não roubar, pra não ficar manjado pelos caras (clientes) e pelos homens (policiais). Gato (ladrão) manjado acaba em cana. Tem vez até que com a boca cheia de chumbo". Sempre a sorte, o acaso: "Mas eu conheço garotão que ganhou entendido legal, saiu das bocas, estudou e está trabalhando, numa outra". O entrevistado tem um sonho: "É isso aí cara, pode publicar. Essa vida é de bicho e eu sou gente. É só chegar os 21 anos e eu entro na Marinha e caio no mundo. Quero ser marinheiro pra viajar, correr o mundo, ver se lá fora a barra é tão pesada como aqui". J.A.M. volta ao trabalho, ao seu posto na esquina do Odeon. Pago a conta e passo por ele, que ri, de cara boa, como quem achou um amigo.

Uma ou duas semanas depois, ao pegar o jornal "A Notícia", dou com a cara do meu entrevistado na primeira página. Sua suposta condição de menor não é declinada e, encimada por sua fotografia, "encontrada entre os pertences do travesti Manon, assassinado em Copacabana", a legenda dá outro nome, diferente do que me disse: Paulo César Honorato da Silva, J.A.M., menor; Paulo César Honorato da Silva, idade não indicada, ei-lo elevado subitamente, por conta do noticiário policial, à condição de celebridade — será falado e discutido por todos, em seu meio — por um dia.

Jornalisticamente, a matéria de "A Notícia" tem bases técnicas e éticas discutíveis: J.A.M. — vamos chamá-lo assim, em crédito às suas próprias informações e à obrigatoriedade de manter sigilo sobre a identidade de menores — na verdade nunca foi sequer suspeito do assassinato do travesti Manon, um dos crimes que abalaram, por dias, os círculos entendidos cariocas. O suposto assassino, segundo o próprio vespertino, era o bancário Gérson Bandeira de Gouveia, com quem Manon vivera maritalmente. Como, no momento da confecção da reportagem, o jornal não dispusesse de fotografia de Gérson, a foto publicada com algum destaque acabou por ser a de J.A.M., com a ressalva, ao final do texto, de que "o rapaz está entre as pessoas procuradas pela polícia, para esclarecer certos aspectos do crime".

NUM SÁBADO QUALQUER

Dez da manhã, praia de Copacabana. O rapaz forte, moreno, com sotaque de sulista, vem pela areia e me pede um cigarro, outro estilo clássico de puxar assunto. Jogo rápido: quer saber se me interesso em sair com ele, se tenho apartamento, etc. É direto. Está no Rio há mais de ano, com o irmão. Precisa de dinheiro. Se me interessar, "tudo bem". Se não, vai agora mesmo prá frente do hotel Copacabana Pálace, "onde tá assim de gringo cheio de dólar e atrás de garotão". Acho graça no seu jeito desinibido, até simpático, de malandro escolado. Me diz o nome: Luís Carlos. E vendo que eu queria só conversar, vai em frente, em busca dos seus gringos endinheirados. Um amigo, que viu nossa conversa, me chama a atenção. O rapaz se chama mesmo Luís Carlos, apelidado "Gaúcho". E o amigo aconselha a não lhe dar mais conversa em outros possíveis encontros. "Esse cara é pinta brava, ladrão e traficante de tóxico".

O tempo passa e não me lembro mais de "Gaúcho". Outro fim de semana e me encontro com ele, no centro da cidade, mais exatamente no Passeio Público. Me reconhece e vem conversar. Pode ser mesmo perigoso. Mas tem sua dose de simpatia, até um certo encanto, mistura de cinismo e traquejo de vida. Está mais calmo, disposto a falar. Parece bem alimentado e descansado. Se é mesmo traficante e viciado em tóxicos, já deve ter pego a sua dose de estimulantes ou coisa parecida. Os olhos brilham, as frases saem claras, articuladas. Gesticula muito, no desempenho do papel de durão, macho paca. Pergunta se lhe pago uma bebida. E fala, fala muito. É um revoltado, "tem até hora que dá vontade de f.... com a alma da humanidade". Já tentou de tudo, sem sucesso. No sul, foi mecânico. Depois, rodou pelo Brasil, sozinho ou em companhia do irmão com quem —diz— mora agora, num apartamento no bairro de Fátima.

No fundo, sua história se parece à de J.A.M.: uma teia de desajustes familiares, baixas condições econômicas e o desejo, talves geral destes jovens, de "sair por aí, viajar, conhecer os baratos, porque tá tudo muito preto mesmo". Ar ingênuo, falso no rosto envelhecido, "Gaúcho" tenta, a princípio, afirmar honestidade total em seu relacionamento com os homossexuais de que tira o seu penoso sustento. Porém, ao final de mais ou menos meia hora de conversa, acaba por admitir, por meias palavras, que "quem dá bobeira, dança", o que equivale a dizer que os seus clientes mais distraídos, ocasionalmente de boa fé, podem ser roubados, prejudicados de alguma forma, numa das fases do relacionamento, pegação ou programa.

Tanto J.A.M. quanto "Gaúcho" confirmam a mesma rotina, quando no Rio ou em São Paulo, de "batalhar na calçada", fazer a vida no triângulo da pegação. "Gaúcho", tendo um bom ouvinte, se inflama e parte, decidido, para as conclusões. "Família não tá com nada. Tem de acabar."/ "Se não existisse pobre e rico o mundo era melhor"./ "Já vi de tudo e tenho raiva de Deus. Onde tá Deus, com tanta safadeza no mundo?" / "Tem dia que sou até capaz de matar, só de raiva".

Mais tempo, meses, até que também vejo o retrato de "Gaúcho" nos jornais. Um caso incrível. Drogado, junto com um companheiro de desajuste criminoso, saiu pela Avenida Nossa Senhora de Copacabana, em busca de alguém a ser assaltado. Na esquina de Copacabana com Miguel Lemos, finalmente, encontra o capitão-de-corveta Thales de Aquino Coelho, a quem chama de viado. O militar reage. É agredido a golpes de karatê (realmente, um perigo esse "Gaúcho") e vem a morrer, ali mesmo, sob forte pancadaria. "Gaúcho" foge, mas é preso no Hotel Miramar onde, calmamente, se misturara aos hóspedes, assistindo televisão, para fugir à polícia. Seu companheiro de assalto e crime,

(Continua na página seguinte)

Bruno e outros intermediários

Paulo Roberto, fugiu, mas foi preso depois, em São Paulo. Gaúcho também fala à polícia. E as histórias, a revolta são as mesmas daquela noite em que o entrevistei, na Cinelândia. Não muda quase nada. Inclusive o cinismo com que enfrenta policiais e repórteres. Engraçado: não mente nunca, nem mesmo agora debaixo de interrogatórios e pressão. Um repórter me contou que no dia seguinte ao crime, no distrito, o assassino estava bastante machucado, sinal do "tratamento" que tinha recebido dos policiais.

O movimento na Cinelândia-Alaska-São João, é ininterrupto. O entrevistado, desta vez, é um travesti, "Paulo, Paulete, Paulona, a Doida — me chama como quiser". Um cara disposto a tudo, cansado de apanhar, de ir preso, de lavar latrina de distrito policial, sem saber que crime a gente cometeu". Paulo, por sinal, também se vira, faz a vida "com esses bobocas, esses coroas ricos que aparecem por aí". Não quer conversa. É agressivo, sofrido. Pergunta se vou adiantar o seu lado — "qual é a sua, ô cara? De conversa já tou cheia". Percebo o seu braço cheio de cortes e cicatrizes, dos pulsos até a altura do cotovelo. Indago o que é aquilo. Ainda mais duro, pergunta se não sei, debochado: **"Ocê não tá com nada, heim cara?** Não sabe porque a gente se corta? É o único jeito de não ir presa, quando a polícia baixa na Lapa e na Cinelândia". Assim: pegos em flagrante, no trotoá, travestis como Paulete, que andam armados, enfiam a gilete nos seus próprios braços, antes de serem arrastados para o carrão policial. "Não dá outra. Os homens tem de levar a gente pro hospital, senão morre de sangrar. E no hospital a gente não apanha; até tratam bem". Uma vez sarado, claro, Paulete recomeça o que chama de "essa m. de vida; fica na sua e eu na minha; tê já que não vou ficar aqui falando, igual boba". Antes, faz questão de reafirmar a sua liberdade: "Se quiser vamos lá. Eu não sou dessas que tem cafetão, que paga taxa prá vagabundo conseguir cliente".

Então há intermediários? Paulete, o travesti, e J.A.M., o garotão michê, dizem que sim: "Olha, ali mesmo na esquina do Angrense (café da Cinelândia, localizado na esquina das ruas do Passeio e Senador Dantas) tem o Bruno, o 'Português', que vive de explorar garotão. "Realmente, indicado por J.A.M., lá está a figura do intermediário. Moreno, cabelos pretos gomalinados, uns quarenta anos de idade, camisa listrada de fibra sintética, calças impecavelmente vincadas, bem vestido para os padrões locais. As piores informações sobre ele vêm justamente dos seus jovens agenciados: "Só vou na conversa do 'Português' quando estou na pior. Já pegou dinheiro de programa meu e não me deu nem a metade", conta J.A.M.. "Ele cobra cem pratas pra entrar e sair rápido, num apartamento que tem, ali na Rua Taylor, na Lapa. E arranja o michê. Mas se der bobeira, num sobra quase nada pra mim, que aguento a barra, né!" Como Bruno, o "Português", controla as duas partes da transação? Inabordável, se nega a conversar, quando vê fotógrafo pelas imediações.

DOMINGO À NOITE, MADRUGADA DE SEGUNDA

O quadro do gueto se completa: prostitutos, travestis, proxenetas, clientes de ocasião, giram em torno de dois polos: sexo e dinheiro. É isso o que faz com que a maioria deles se movimente noite a dentro, neste domingo, até chegar à madrugada de segunda-feira, quando ainda estou com eles: aqui, na galeria Alaska e nas calçadas das avenidas Atlântica e Copacabana, continua a pegação. Postados no meio-fio, como se esperassem ônibus, caubois visivelmente mal-alimentados, alguns de roupas sujas, continuam sua ronda. São os que ainda não se arranjaram, nessa madrugada de segunda-feira árida. E continuam à espera do outro — um bom cliente; vítima ou algoz; quem sabe um eventual amigo; em alguns — raros — casos, até um estrangeiro rico, que levará o cauboi para o que ele realmente quer: uma longa, mágica viagem, em que tentará esquecer seu passado encardido, de pobre menino velho.

Antônio Chrysóstomo

Glorinha Pereira

Discoteca, sauna, clube: um admirável mundo novo?

Joe Sclensky

Houve uma época, terrível, em que a rua e seus perigos eram a única opção. Depois — estamos falando sobre o Rio de Janeiro — veio a época heróica das boates mais ou menos camufladas. Lembram-se do Alfredão, do Sun Set, do Le Scale, e da conotação de ousadia e pecado que havia no fato de freqüentá-las? Hoje a coisa mudou: ainda no gueto, porém fora das esquinas e calçadas, se situa outra face, não tão exposta, do homossexualismo masculino. Raramente visíveis na Cinelândia, Alaska ou São José, há entendidos que se movimentam quase sempre em círculos fechados. Fora das reuniões em apartamentos, dos fins de semana nas praias do litoral paulista e fluminense, **esse outro lado da população guei das grandes cidades se encontra em saunas, clubes e discotecas bem instaladas. Mas como são estes ambientes? LAMPIÃO foi conferir.**

(Antônio Chrysóstomo fez uma visita à boate Sótão, localizada justamente na Galeria Alaska): Em funcionamento há oito anos, a casa passou por um processo de refinamento funcional, que foi da simples condição de boate entendida, como existem pelo menos outras cinco, de bom público, na Zona Sul carioca, até chegar à classificação única de ser comparada, por alguns dos seus freqüentadores, às melhores discotecas de Nova Iorque e Paris. Para chegar a isto seus donos, Édson e Nel ("Por favor, não publique nossos nomes inteiros. Os problemas familiares seriam enormes para nós", pede um deles), têm reinvestido parte dos lucros apreciáveis, ano após ano, no aperfeiçoamento de seu negócio, num total aproximado, de 1969 até hoje, de "uns oito milhões de cruzeiros". Dentro do Sótão, esse capital aplicado se materializa em 200 metros quadrados de salão, divididos entre a grande pista de dança, umas poucas mesas destinadas a clientes especiais e o bar que acompanha todo o comprimento da casa, em cujas banquetas se acomodam os freqüentadores habituais.

Nos "drinques honestos, na qualidade da luz e do som, principalmente na programação musical sempre atenta às últimas novidades estrangeiras", residem os principais atrativos do Sótão, na opinião de seus proprietários. De fato, as bebidas não são do tipo que provoca ressaca violenta no dia seguinte — parece que falsificação de uisque não é o hábito. A luz e o som, operados em aparelhagem importada, têm saídas de 700 watts para som e 500 para luz, que se tornam, no fim do mês, uma conta de luz e força variável entre Cr$ 30 e 40 mil. São ainda os donos que informam: de ICM, são pagos aproximadamente Cr$ 18 mil mensais e de obrigações trabalhistas fixas, o total de Cr$ 24 mil, também por mês. Um negócio como outro qualquer.

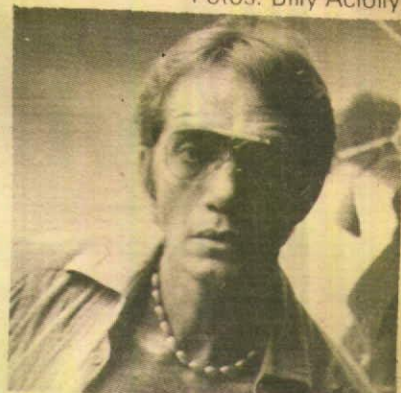
Mas em que o Sótão difere de outras discotecas de Copacabana e Ipanema? "Aqui é território livre", assegura Nel. "Temos freqüentadores homossexuais e heterossexuais. Só não admitimos os preconceituosos declarados, que entram para criar casos homéricos. Cada um faz o que quer, menos brigar. Entre nossos fregueses, de nomes não publicáveis, há banqueiros, juízes, milionários e colunistas sociais, artistas, militares e até... bom, é melhor deixar isso pra lá. Não pergunta mais que eu não vou falar". Édson e Nel se fecham. Por ali desfilam — todos sabem — personalidades do calibre de Mick Jagger. "Ih, esse vinha sempre, durante todo o tempo em que esteve no Rio. Mas tem muita celebridade que é cliente nossa. Aliás..." (Pronto: Edson e Nel não resistem, voltam a falar).

A meia-noite o salão relampeja e troveja, ao peso das centenas de watts de luz e som, operados pelo discotecário Amandio, "que começou aqui, foi para o Regine's, não se deu bem lá e acabou voltando, só que com o salário aumentado, ganhando Cr$ 20 mil por mês, um ordenado que ninguém pagava antes dessa francesa (Regine) vir pra cá, explorar a praça que sempre foi nossa". O que? Voces concorrem com o Regine's? "Claro! É só olhar nossa freqüência pra ver que concorremos". Olímpicos, os pares, quase todos do sexo masculino, realmente parecem bem instalados na vida, diferentes das figuras que circulam do lado de fora da boate — heteros e homos —, na Galeria Alaska dos tóxicos, crimes esporádicos e má fama permanente. Aqui, às sextas e sábados, há pagamento de ingresso e consumação, "única maneira de selecionar a freguesia". O esquema de segurança da porta também é rígido. "Teve um jeitinho qualquer de marginal, mesmo com dinheiro, não entra mesmo".

DA SAUNA AO CLUBE

(Adão Acosta cumpriu a segunda parte do roteiro: uma sauna, Termas Flamengo (ou "A Engraçadinha"), na Rua Corrêa Dutra; um clube, o The Club, na Travessa Cristiano Lacorte, em Copacabana; uma boate com show, a a Gaivota, na Barra da Tijuca; outra cuja especialidade é promover festas típicas — Noite do Havaí, Noite do Preto e Branco, etc. —, a 266 West, também em Copacabana; uma terceira, mais tradicional, o La Cueva, também em Copacabana; e acabou descobrindo uma opção muito especial; um ponto de encontro no Centro da cidade, o Appia's Club, onde um grupo de rapazes se reúne para "conversar e trocar idéias sobre assuntos gueis"):

A sauna Termas do Flamengo é antiga e muito famosa, como diz Glorinha Pereira, colunista do jornal Correio de Copacabana — escreve sobre assuntos gueis —e, há dois anos, sócia da casa: "Como você encara esse trabalho, já que você não pertence ao meio?"/"É um trabalho como outro qualquer. Conheço muita gente que freqüenta a sauna e, para mim, é sempre um prazer estar com eles". A sauna abre às 14h e fecha às 2h. "Não há qualquer tipo de discriminação". Todos entram, desde que paguem o preço — Cr$ 50. "E como você age com as pessoas não gueis que por acaso venham aqui?"/"Alguns entram normalmente e saem sem problemas, outros — uma minoria — saem revoltados. Uma vez um sujeito me perguntou se esta sauna era de viado. Eu lhe disse que esse termo era apenas um pejorativo e o afastei com uma boa resposta".

Na Travessa Cristiano Lacorte, em Copacabana, funciona um dos pontos mais sofisticados do chamado "mundo guei". O The Club, que é realmente o que o nome indica: um clube onde as pessoas vão para conversar, ouvir música, bebericar, jantar, brincar com os jogos eletrônicos lá existentes, folhear as revistas da moda (incluindo LAMPIÃO) que a casa oferece e até, eventualmente, dançar. O garçon Ferreira — que saiu do Sótão e foi para lá garante a qualidade dos drinques; a cozinha é de boa qualidade, a música não é estridente, mas o forte da casa é a decoração, de muito bom gosto. Quem a dirige é Joe Sclensky, um americano de Filadélfia, dono de uma loja, e que vem de uma experiência anterior de muito sucesso: ele foi dono do Anjo Azul, na Bahia. "Mas por que um clube?"/"No início — diz Joe — eu queria fazer uma boate que funcionasse das 20h às 24h, sem fazer concorrência com as demais. Porém não consegui alvará para isto, porque a casa está localizada numa área residencial. Mas o Rio estava precisando de uma casa como esta. Um lugar onde as pessoas pudessem comer, beber e principalmente conversar. Normalmente, nas boates, a comunicação se torna impossível, devido ao barulho."

Na Rua Rodolfo Moedo 347, Barra da Tijuca, fica a Gaivota, que, pela freqüência, já ganhou um apelido: chama-na gueivota. Seus proprietários, o advogado e jornalista Alfredo Santos, e Carlos Lencher, o Alemão, dizem que a freqüência é bastante eclética — "pelo menos 20% de heteros, que estão totalmente entrosados no ambiente". A localização da casa — só se chega lá de carro — e os preços, segundo eles, servem para selecionar os freqüentadores: aos sábados a consumação mínima chega a Cr$ 150. Aos domingos apresenta o show Maria Leopoldina on Sundays (M.L. é um travesti).

Já o 266 West, em Copacabana é a mais descontraída de todas as casas noturnas. Três ambientes — um deles é a pista de dança —, uma freqüência mais ou menos habitual — todos se conhecem — e uma programação que inclui festas típicas — Noite do Havaí, etc. —, surpresas como a presença de Emilinha Borba, ou até uma festa regada a champanhe, como a desse 19 de maio, quando a casa comemora seu aniversário. Amadeu da Silva Resende, um dos proprietários, faz questão de dizer que, aos sábados, o horário é livre; isso significa que, como ele tem autorização para funcionar até 8h, o 266 West só fecha quando a moçada se retira, o que, em alguns sábados, parece que não vai acontecer nunca mais. Qual é a freqüência da casa? "Exclusivamente guei", diz Amadeu.

O La Cueva, que tem à frente a figura legendária de Manolo — ele era dos tempos heróicos do Sun Set —, funciona à Rua Miguel Lemos, 51, das 22h às 4H, com uma consumação de Cr$ 90 e um público bastante fiel: o povo guei de meia idade.

Saunas, clubes, casas noturnas: como fugir de tudo isso? Um grupo de rapazes, achando que nesses locais "há muita falsidade", decidiu fazê-lo; todos motorizados, eles passaram a estacionar seus carros, nos finais de semana, num ponto do Centro da cidade, "para conversar e trocar idéias sobre assuntos gueis". No começo, houve uma certa implicância da polícia, que desejava saber o que aqueles carros faziam no local, estacionados, com seus motoristas reunidos em torno de um deles, a conversar. Depois, no entanto, os policiais se acostumaram e já não os incomodam. A presença dos rapazes do Appia's Club — o nome é porque o local onde eles se reúnem é conhecido como Via Ápia — naquele ponto tem um sentido simbólico; alguns metros adiante fica o famigerado Buraco da Maysa, com o qual eles não têm nada a ver. É como se o povo guei estivesse deixando os buracos e becos escuros para chegar a uma nova fase — a de conversa, diálogo, debates e de conscientização de seus problemas.

Uma novidade nas telas de todo o País: o cinema brasileiro

Está vindo abaixo? Tudo bem...

Neste abril, uma certa euforia pairava no ar enquanto desfilavam diariamente os 20 longa-metragens de Perspectiva, a Mostra da Cinemateca do Museu de Arte Moderna. Havia, de entrada, o excelente nível de realização de vários dos filmes mostrados, a constatação da maturidade criadora deste ou daquele cineasta, o sentimento de que após tantas hesitações a melhor produção brasileira parecia encontrar caminhos de formulação menos tortuosos. Mas foi nos grandes circuitos, com *A Dama do Lotação* e *Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia* multiplicando milhões, em cifras e número de entradas, que a tão buscada ocupação do espaço (já que estamos em nossa casa, como lembra a Embrafilme) plantou mais concretamente no "meio" as raízes desta euforia.

Mário (Nelson Xavier) depois da consciência (*A Queda*, de Ruy Guerra e Nelson Xavier)

Talvez por isso mesmo tenham rareado à frente do público da Cinemateca, para os debates de sempre, cineastas dispostos ao confronto conceitual direto com sua platéia. Do que se deprendeu do pouco ouvido, de qualquer forma, e das declarações prestadas com o lançamento comercial simultâneo de vários filmes, podemos tirar a convicção de que a dor de cotovelo ideológica já não sobrevoa os arraiais, soberana.

Tanto melhor: a liberdade de criação tem de ser mesmo a principal preocupação de um cineasta, na medida do possível. É o que está explícito ou sugerido fartamente nas declarações de Arnaldo Jabor e Carlos Diegues, por exemplo. Ambos fazem questão, hoje, de demarcar nitidamente um passado em que, como artistas pequeno-burgueses, tentavam obedecer muito estritamente aos ditames da boa consciência social. Um dos temas que afloraram com mais pertinência na salinha do Aterro — principalmente nos debates sobre *Coronel Delmiro Gouveia*, de Geraldo Sarno, e *A Queda*, de Ruy Guerra e Nélson Xavier — foi, por sinal, o do tipo de insérção social do cineasta, suas formas de produção e distribuição de um filme no Brasil de hoje, e de como ambas as condições, caracterizando uma produção de classe, não devem iludir quanto a qualquer veleidade de messianismo na prática artística.

O filme que melhor surpreende ao assumir este programa, que não é um, e ao mesmo tempo precisa invocá-lo para se justificar é o espantoso *Tudo Bem*, de Jabor, transbordante de criatividade e prazer de descobrir. Há dois anos, apresentando *O Casamento*, o cineasta falou muito, com uma convicção que pessoalmente não consegui rastrear em tela, de liberdade paradigmática. No fundo, talvez ele mesmo saque hoje que estava então meio preso, na verdade, à inevitável maldição nelsonrodrigueana, que enfeixa tudo numa tipificação complacente e supostamente escandalosa.

Em *Tudo Bem*, em compensação, o desvario metódico da verdadeira liberdade paradigmática se impõe com uma facilidade nova na trajetória de Jabor. A nebulosa categoria de classe média, como nos lembram desde *Opinião Pública* até *O Casamento*, passando por *Toda Nudez Será Castigada*, é principalmente do que ele tem a falar, de preferência pela via do grotesco. Só que desta vez o ponto de partida foi uma enquete sociológica ou um texto já existente, mas uma oportuníssima obra na casa do cineasta. Já me explico. Ele pensava em viajar pelo Brasil, filmando, quando nasceu sua filha e ao mesmo tempo teve de conviver em casa com pedreiros e pintores. Algumas lembranças espanadas do baú de família (*Tudo Bem* começa com um filmezinho amador feito por seu pai nos idos de 40) e a idéia de botar o Brasil dentro de um apartamento: nascida assim o argumento, que ele depois trabalharia, para transformar em roteiro, com Leopoldo Serran.

Um funcionário aposentado do IBGE (Paulo Gracindo), que cultiva com orgulho nacionalista gravações da mata virgem e cantos xavantes, escreve, reivindicativo, ao Sr. Redator de um jornal, sobre os preços da carne. Em sua companhia, três amigos mortos, fantasmas do passado: um dentista integralista (Jorge Loredo), um pequeno industrial falido, imigrante italiano (Fernando Torres) e um poeta-romântico-tuberculoso (Luiz Linhares). Este último sopra-lhe ao ouvido: "Ponha aí: somos a favor de um capitalismo construtivo." Nas teclas da máquina, os dedos de Juarez repetem: "Somos a favor de um capitalismo sem lucro."

Como se vê, nada bem vão as coisas. A confusão mental de nosso chefe de família é considerável. Ele abre a porta de casa e o síndico do prédio lhe pede a assinatura num pedaço de papel. "Ah! Um manifesto?... "Não, uma circular para acabar com o cocô de pequineses e dinamarqueses nas partes sociais. No café da manhã, enquanto sua filha Verinha (Regina Casé) chega à mesa comemorando, barulhenta ("Segunda-feira, mediocridade geral!"), ele admira pensativo dois operários que pousam à janela num praticável: gente pobre mas capaz de ser feliz e rir da própria desgraça. "São sobretudo uns fortes."

A ameaça fecal também ronda, corrosiva, sua mulher (Fernanda Montenegro), retrato absolutamente demente (sublime Fernanda) da degradação de um ser humano emparedado em Copacabana. Quando não está preocupada com as placas horríveis que sua tia cancerosa evacua, à morte, ou o preço da Coca família, ela consegue elevar-se um pouco acima do ciclo fisiológico. Concebe então o personagem fantástico de uma amante do marido, chacrete de botas vermelhas e laquê que ele banharia em piscinas de água quente de hotéis de alta rotatividade, os mesmos aonde se recusa a levá-la, a ela, sua mulher!

Quando o marido rompe finalmente com a inexistente Waldete, Elvira arregaça as mangas para a concretização de um sonho de 26 anos: reforma geral no apartamento. Daqui por diante, desembesta triunfalmente o visionarismo de Jabor, num condensado selvagem da alienação existencial que nada fica a dever a *Guerra Conjugal*, apenas trocando o sarcasmo pela brutalidade do riso.

A exuberância de *Tudo Bem* como comédia exala muito, é verdade, do time impressionante de intérpretes que arrebanhou. Fernanda Montenegro, para dizer o mínimo e tudo, não fica um segundo em frente à câmera sem inventar diabolicamente. (E não vou deixar de mencionar minha surpresa deslumbrada com Regina Casé.) Outra vitória é o aproveitamento do décor de Elio Eichbauer, do qual nos afastamos raras vezes, mas que só num momento ou outro Jabor deixa teatralizar-se (com súbitas entradas em cena, por exemplo). Mas o que faz de seu apanhado uma jóia rara do riso crítico é sem dúvida a sua implantação tão concreta em nosso imediato, e a amargura apocalíptica com que consegue formular um quadro geral da selvageria de um tipo de vida.

Selvagens, em *Tudo Bem*, são os delírios repressivos de Elvira e a música que geralmente os acompanha (a Sinfonia dos Salmos, de Stravinsky), selvagens as condições de vida e de trabalho das empregadas (uma prostituta e outra santinha milagreira — Zezé Mota e Maria Sílvia) e dos operários (ou biscateiros, como insiste um deles), selvagem a azáfama insana de botar tudo abaixo pra refazer igualzinho. Na festa re reinauguração, o tapete manchado de sangue grosso: um operário massacrou outro a marretadas por causa de uma banana. Mas a dona da casa não precisava se esfaltar tanto para esconder a inconveniência! Está todo mundo olhando pra cima, acompanhando alegremente as evoluções de um satélite artificial, prodígio da tecnologia multinacional demonstrado pelo namorado americano (Paulo César Pereio) de Verinha.

A Queda volta a câmera da sala de visitas de Juarez e Elvira para os operários do andaime, que em vez de rirem da própria condição poderiam estar-se espatifando no chão. Em outras palavras: a selvageria é a mesma, só que vista pelo avesso da pseudo-euforia construcionista, financeira e ferozmente antidistributiva do Brasil de hoje, e, mais particularmente, da urbanização desenfreada do Rio de Janeiro. Mas o filme se vê na beira da poltrona e é emocionante como há muito não temos principalmente porque não desconversa, e chega a ter como seu próprio tema este prazer e esta ousadia de dizer.

Em entrevista a *Cine-Olho*, Ruy explicou: "*A Queda* foi pra mim uma necessidade de colocar, fundamentalmente, uma paisagem humana que não está sendo vista no cinema nacional, que é a personagem de gente trabalhando e de povo mesmo, de massa operária, embora não vá muito longe na análise. É quase uma necessidade de ordem visual, de cheiro, de cor. E mais adiante: "É já de muito tempo que tenho essa idéia. Aquela idéia do Glauber, "uma idéia na cabeça e uma câmera na mão", que o Nelson (Pereira dos Santos) desenvolveu e disse "e o povo na frente", eu abro um parêntesis e digo: mas não em festa."

Ruy e Nelson se perguntaram onde estariam hoje, e fazendo o quê, aqueles três soldados encarregados de vigiarem a comida que passava intocada pelos famintos no sertão baiano (*Os Fuzis*, 1964). E resolveram fazer de dois deles — Mário-Xavier e José-Hugo Carvana — operários do metrô carioca. José morre num acidente de trabalho (subira sem cinto de segurança) e Mário cumpre uma trajetória que Ruy reconhece ser "até reformista": da revolta diante dos manuseios da construtora para fugir à responsabilidade e vencer uma concorrência à consciência límpida, serena, da impossibilidade de transigir.

Populismo? Não é o caso. *A Queda* é antes de tudo uma soma necessária dos metros de celulóide que ficam na sala de montagem das reportagens de Amaral Neto (que o funcionário de Jabor consome estupidificado, para depois, como num dos primeiros planos do filme, meditar, a cara enfiada nas mãos, diante de um vídeo já — ou ainda e sempre — vazio). Mas não vulnera seu recado com qualquer derrapagem para o mensageirismo fácil, mesmo porque não sobra espaço. Me parecem muito claras as duas propostas fundamentadas do filme: uma, a documentação dramatizada de uma realidade que está diariamente sob os olhos semi-vendados da população carioca; outra, veiculada principalmente pelo personagem-chave da mulher de Mário (Isabel Ribeiro), o reflexo desta realidade nos olhos da classe média urbana que até por instinto de auto-defesa já não vota na ARENA e é incapaz de tolerar a imposição do silêncio acobertador.

Uma e outra se interpenetram numa tensão constante e parecem resolver-se no depoimento direto de um dos operários do canteiro visitado por Ruy e Nelson: quem leva nosso tipo de vida, diz ele com outras palavras, não tem muito a contar não. Mário não pega no pesado: ele é encarregado de obra e genro do subempreiteiro (Lima Duarte). Seu conflito é por isso mesmo menos particular e mais afastado de simplificações heróicas e bem intencionadas. Na cena final, está na casa que constrói com o estímulo do sogro e que se tornou seu esconderijo (é procurado pela polícia). Ele conta à mulher, que o foi procurar, como conheceu José e como não tem absolutamente sentido algum a morte do amigo. Ruy e Nelson alternam então planos maravilhosamente enigmáticos, para um filme entranhado de realismo, de butiques e shopping centers de Ipanema (como são horrorosos!) Esta despedida de Mário de todo um mundo de promessas vãs (o sogro lhe havia acenado, do alto de um terraço recém-comprado de nossa selva de pedra, com um "isto será de meus netos") me pareceu evidente desde o primeiro contato com o filme, mas não mereceu a unanimidade dos que ficaram na Cinemateca para o debate com Nelson Xavier.

Mas é a discussão da mulher de Mário com o pai, na culminância de um plano-seqüência fantástico, que justificaria sozinha, se preciso fosse, a existência de *A Queda*. É ali, exigindo que ele lhe diga o que está acontecendo, que problema misterioso foi esse que resolveu com Mário, é ali que ela fala nosso momento político. Que tenha cabido à mulher, meio afastada dos entrechoques e da construção de uma vida melhor, o papel de cobrar ao marido, logo em seguida, a desobediência, a disponibilidade, o inconformismo, é mais uma vitória para qualquer roteirista.

Clóvis Marques

Confissões de um Carmelita Descalço

Em fins do ano passado um livro tomou de assalto as livrarias espanholas e transformou-se, em poucos dias, num grande sucesso editorial. Seu título: Todos los parques no son un paraíso. Nele, seu autor, Antônio Roig Roselló, o Padre Antonio, da Ordem dos Carmelitas Descalços, confessava publicamente o seu homossexualismo, e reivindicava o direito de — inclusive enquanto padre — viver de acordo com sua própria sexualidade.

Mas os problemas logo começaram a surgir, em conseqüência da publicação do livro. Várias sanções foram feitas contra ele, até que, em janeiro deste ano, Padre Antonio foi suspenso a divinis pelo Arcebispo de Valência. No convento onde morava ele passou a ser evitado pelos outros padres e, impedido de rezar missa, pregar, ou ouvir confissões, Padre Antônio, sob ameaça de expulsão, foi também proibido de falar sobre o seu homossexualismo.

Isso certamente explica o tom reticente dessa entrevista, dada por ele, logo após a suspensão, a uma revista espanhola. Mesmo assim, ela vale como um documento sobre a posição da Igreja em relação aos homossexuais. Antônio Roig nasceu em Ibiza em junho de 1939. Ordenado sacerdote em1963, foi mestre de noviços de 1969 a 1972, e durante três anos viveu em Londres, onde experimentou uma série de vivências importantes em torno de sua realidade homossexual.

— Padre Antônio, seu livro...?

— É um livro humano. Não fruto de um modismo. Comprometi toda uma vida com ele. Pretendia dizer uma palavra humana. Estava escrito já em 1975, Franco ainda vivia, foi uma época difícil para divulgá-lo. Enviei-o ao Prêmio Planeta em 1976, acabou finalista. O júri concordou com sua publicação.

— Por que o escreveu?

— Interessava-me fazer uma radiografia de mim mesmo. A comunicação comigo mesmo era difícil através do papel. Afastei todo tipo de autocensura. Escrever me fazia um bem enorme. A liberação chegava a extremos que me faziam chorar.

— Sou cônsciente de que publicando este livro me comprometo gravemente. Apesar disso, não podia deixar de fazê-lo. Pensei muitas vezes que se alguém tivesse dado à luz uma obra semelhante, e que se eu a tivesse lido, minha vida teria transcorrido de outra forma. Talvez não me houvesse sentido tão mortalmente pervertido ao conhecer que espécie de alimento me apetecia. Nem me tivesse sentido parte de um mundo que não podia amar.

— Sua vida talvez tivesse sido mais tranqüila, se ficasse calado.

Sei que se usasse uma máscara tudo teria corrido bem. Muitos fazem isso, por diversos motivos. Não é por exibição que proclamo minha sexualidade. Mas não podia deixar de escrever este livro, como antes não pude fugir de mim mesmo, de amar com minha carne, e agora não posso deixar de respirar.

— Que efeitos produziu no senhor a publicação do livro?

— Buscava escrever como uma necessidade de esclarecer minha personalidade. O aspecto psicológico dos personagens do livro são interessantes, o mais rico. Isso teve um grande valor para mim. Agora me preocupa a capacidade de construir a partir da homossexualidade. Estava chegando a um beco sem saída. Entendi, a partir da fé, que não há porque renunciar a mim mesmo ou à minha natureza.

— Vão cassá-lo como cura, vão suspendê-lo "a divinis", lhe tirarão as licenças...

— Pretendem fazer isso, tentarão. O normal é que venha um processo. Não quero falar, porque pesa sobre mim uma proibição expressa de qualquer declaração sobre minha homossexualidade. Mas se me processam, que seja por minha condição sexual, por minha natureza, a que tenho e o que sou.

— O que lhe importa mais?

— O que me importa é adquirir a liberdade. É o grande problema de minha vida. Entendo a liberdade como a capacidade de dispor de mim mesmo. Gostaria muito de, a partir dessa liberdade, poder servir à Igreja. Gostaria que todo esse pesadelo, esse caos, se transformasse em liberação.

— A Igreja tem sido uma instituição brutalmente repressora dos homossexuais, não é?

— A mentalidade judáica domina a Bíblia e a vida da Igreja. Contra os homossexuais os judeus agiam com o maior gosto. Há uma quantidade de insultos. A Congregação para a Doutrina da Fé não faz muito divulgou um documento reafirmando suas crenças sobre a masturbação, as relações pré-matrimoniais e a homossexualidade. Mas o fato é que há dentro da Igreja correntes totalmente opostas ao que se afirma sobre estes assuntos. A Igreja mudará, é evidente.

— Seu livro e a Igreja...

— O que meu livro questiona é a doutrina que a Igreja tem sobre a sexualidade. Sua visão destes temas. Aqui se dá um desconhecimento da antropologia humana por parte da Igreja. A estrutura do ser humano é sexual. O homem é um ser sexuado. Na visão da Igreja os homossexuais estão fora, expulsos, marginalizados.

— O que é a figura do homossexual para você?

— O homossexual é um ser ridículo para si mesmo. Uma mescla de culpabilidade e rebeldia. Destruído por sentimentos contraditórios, o homossexual vive como um degradado.

Leia na página 16 um capítulo do livro de Antônio Roig.

Padre Roig ousou demais, foi suspenso pela Ordem

Cristo também está conosco

"Nós acreditamos que os homossexuais são membros do corpo místico de Cristo, englobados entre as pessoas de Deus".

Assim se inicia a declaração de posição e propósitos do movimento religioso **Dignity**, uma organização nacional norte-americana de homossexuais católicos, fundada em 1968 em San Diego, Califórnia, e atualmente com representações em mais de 50 cidades norte-americanas. Cada centro desenvolve uma programação espiritual, educacional e social que permite aos participantes formar uma comunidade cujo intuito principal é a sua integração normal na vida cotidiana da coletividade.

A existência dessa organização, aprovada e apoiada pela Igreja, deve surpreender os que se habituaram a julgar os homossexuais indivíduos imorais, marginalizados ou pouco mais que isso, isto é: graciosos, divertidos, com muito jeito para funções delicadas, etc., etc... Na verdade, o enorme senso de justiça divina não poderia segregar fora do seu convívio seres como os homossexuais ou outros, só porque os seus coloridos, crenças, preferências ou hábitos contestam as convenções e os costumes da maioria dominante.

Pode-se alegar que o homossexual contraria nas suas práticas sexuais os conceitos da lei de Deus, para os quais só não são pecadores aqueles que pratiquem o ato sexual em ligações matrimoniais e (se possível) visando objetivamente à continuação da espécie. Esta é sem dúvida o caminho da perfeição, aquele pelo qual os puros alcançarão o céu — mas além de árduo, reconheçamos que deve ser monótono e insatisfatório, que bem poucos neste mundo irão ganhar o céu dessa maneira... Porque mesmo os que cumprem regularmente suas obrigações religiosas devem achar dificílimo manter-se dentro desse comportamento rígido, resvalando vez ou outra para um relacionamento sexual pelo exclusivo prazer, quando não para umas libidinagenzinhas, ou (por que não?) para uma incursão sodomita ou uma prática do sexo oral.

O homossexual não pede para nascer **dessa** ou de outra maneira. Portanto, desde que se acredite num Deus, passa-se a acreditar que tudo e todo foram criados de acordo com a Sua vontade. Negar é negá-lo e à Sua grandiosa obra da qual faz parte o nosso mundo e que aqui está — concordemos que bastante avariado, poluído e caótico, mas desse jeito pela ação do próprio homem, não pela Dele.

A exigência de direitos dos homossexuais americanos e a participação na legalidade da Igreja, sem precisar negar a sua verdade nem contrariar hábitos inerentes à sua natureza é assim expressa na declaração da **Dignity**: "Nós temos uma dignidade inata porque Deus nos criou, Cristo morreu por nós e o Santo Espírito nos santificou pelo batismo, fazendo-nos Seu Templo e o caminho pelo qual o amor da força divina existe. Por esta razão, esta é a nossa certeza, nosso privilégio e nosso direito, para viver de acordo com os sacramentos da Igreja, porque assim poderemos nos tornar um instrumento útil do amor de Deus, em benefício da coletividade. Acreditamos que os homossexuais possam expressar a sua sexualidade da maneira que seja concernente com os ensinamentos de Cristo. Acreditamos que toda sexualidade possa ser praticada com moralidade responsável e desinteressada. Trabalhamos pela justiça e pela nossa aceitação social, através da educação e propondo reformas legais. Pelos homossexuais, individualmente, trabalhamos para reforçar a sua auto-aceitação e o seu senso de dignidade, ajudando-o a tornar-se um membro ativo da Igreja e da sociedade. Nossa finalidade é ajudar o católico homossexual a adquirir esse senso de dignidade e eliminar da consciência católica o temor puritano e a ignorância trocando-os pelas verdades de Cristo que são amor e tolerância".

Dignity não congrega apenas homossexuais. Também fazem parte do movimento "pessoas que desejam sentir o amor de Cristo expressado para e entre todos os homens e mulheres, sem preconceitos pelas suas preferências sexuais".

Como se pode ver, a homossexualidade não se mostra somente através de plumas, paetês, frescuras, hábitos ou atos que — como a maioria pensa — atentem contra a moral. É claro que a consciência coletiva de um grupo como Dignity ou outros, religiosos ou não, de vários países e que pretendem a integração do homossexual na sociedade, depende de personalidades individuais e fatores culturais que, infelizmente nós ainda não temos — isto é, temos sim!, só que aquela que poderíamos chamar de "elite intelectual da homossexualidade brasileira", que não tem coragem de assumir publicamente a própria homossexualidade e muito menos de participar de manifestações como esta, sérias e reivindicadoras.

Enquanto isso, vamos ficando com as sobras homossexuais do nosso subdesenvolvimento: os travestis, prostitutos de rua, as "bichas loucas", os "sapatões", os corruptores de menores, os maníacos sexuais dos mictórios, etc..

"Reivindicações", dirão eles, "pra que?" Estão tão cômodos assim...(Darcy Pentado)

Dá-lhe, Paraguassu

No mês passado, algumas poucas memórias mais afiadas relembraram que, há dois anos, um pequeno escândalo de costumes conseguiu abalar as fortes estruturas do Congresso Nacional em Brasília. Não fosse pela enérgica reação do então presidente da Câmara, Deputado Célio Borja, poderia ficar a impressão de que uma chinelada bem dada deixaria marcas indeléveis nas altas paredes da casa.

Na primeira quinzena de março de 1976, o Deputado do MDB gaúcho, Aluízio Paraguassu, conseguiu que as pontarias das câmaras fotográficas e as páginas dos jornais lhe fossem dedicadas: reclamou do calor nacional e apresentou-se de peito nu nas dependências da Câmara dos Deputados. Não faltaram palmas, de todos os lados.

Gaúcho nascido às margens do Rio Guaíba, a 13 de março de 1933, Aluízio Paraguassu é do signo de Peixes. Para ele, portanto, "o trabalho é o caminho da afirmação pessoal, precisa de ajuda para ter um caráter sólido e necessita se expressar de maneira positiva". Confere. Além disso, em relação ao corpo humano, Peixes está dirigido ao pé e "qualquer coisa que ande errado com esta parte logo abaixo dos tornozelos imediatamente o irrita". Neste caso, também, os pés apresentam freqüentemente um leve defeito de formação. Por isto mesmo, o Deputado Paraguassu já foi várias vezes repreendido por calçar-se com alpargatas ou sandálias leves' Joanete, talvez, mas possivelmente um sincero desabafo contra o peso das instituições.

Com ou sem camisa, Paraguassu consegue impressionar. Tipo graúdo, ombros largos, rosto de traços brutos, é sempre visto com os cabelos em desalinho, apesar de curtos. Consegue, com insubordinada obediência, usar paletó sobre uma camisinha Lacoste, já que a simples manga-de-camisa lhe foi vetada. Mesmo assim, chega a ser harmônico e ferrenhamente gracioso.

Nos corredores da Câmara, é considerado uma pesosa acessível e, sem fugir ao peso das tradições e do folclore, é gaúcho de fala grossa e firme. Aliás, seu secretário também tem o tom de voz marcadamente grave. É provável que Paraguassu tenha encontrado nele a ajuda para a manutenção de seu caráter irrevogavelmente sólido.

Nas constelações dos homens políticos, no entanto, é considerado estrela de menor grandeza. Ou que brilha apenas quando caem os panos. Mesmo em Brasília, imenso e bem decorado quintal do Congresso, é difícil encontrar quem ligue seu nome a algum fato de maior importânia, mas é claro que todos se recordam, e muito bem, do deputado que desfraldou o peito.

Antigo funcionário dos Correios gaúchos, é atualmente membro das Comissões de Comunicações e do Desenvolvimento da Região Sul. Uma coisa puxa outra, é claro. Com certeza o Deputado Paraguassu conhece estas regras pois, se não fosse pela soberbia de seus músculos, não chegaria ao ponto de deixar-se fotografar em uma situação tão tropical e suspirosa: sorriso nos lábios, pernas cruzadas e aparelho telefônico no ouvido. Dito assim, quem nao juraria que se trata de uma foto especial para publicação de nus artísticos?

Com falta de humor, porém, a reação da Câmara foi ríspida: a moral das instituições havia sido ferida, houve reunião extraordinária que apreciou o assunto e o Deputado Aluízio Paraguassu foi punido com censura escrita. Assim, trocou as camisas leves por um conjunto safari e sapatos mais sociais. Mas continua pisando firme, não se importa com as meras aparencias: sua essência está bem à mostra. **(Alexandre Ribondi)**

Feministas com a palavra

As feministas estão caindo de pau em cima do jornal **Movimento**, por causa de uma entrevista que aquele semanário publicou do sociólogo José de Souza Martins, no qual este diz, entre outras **pérolas**, que as mulheres não são exploradas pelo marido, mas sim, pelo patrão do marido; e que elas só precisam trabalhar porque o salário do marido não dá para sustentar a família. De todas as respostas dadas até agora ao sociólogo — o semanário louve-se, embora visivelmente não concorde com elas, vem dando o mesmo destaque às respostas das feministas —, a mais segura foi, para nós, a da socióloga Heleieth Saffioti, de Araraquara, São Paulo, de cuja carta LAMPIÃO pede alguns trechos emprestados:

"...Todos os temas são políticos. Tudo é político. O estudo de qualquer temática implica a tomada de posições políticas. O posicionamento diante de temas a partir de **vivências** pessoais também é político."

"...Aliás, não acredito em libertação da mulher. Creio, isto sim, na libertação do ser humano, pois a contrapartida de mulheres oprinidas, socialmente mutiladas, são homens mutilados. As exigências sociais em relação ao homem representam uma pesada carga. É preciso ser forte, ter êxito econômico etc... A libertação a qual aspiro só é possível no seio do socialismo. Mas, atenção, não acredito em automatismos do tipo: eliminadas as classes, estabelecer-se-á a equidade entre os sexos. Este raciocínio primário responde pela inferioridade social da mulher em muitos países que se pretendem socialistas. Pelo que me foi dado ler e ouvir, somente Cuba e China estão combatendo severamente o machismo. Neste sentido, já se fizeram enormes progressos."

"A sociedade capitalista apresenta muito pouca tolerância para com o homem crítico; nenhuma com relação à mulher crítica. Esta desperta ira dos poderosos e dos machistas. Não cumpre os papéis sociais que lhe foram atribuídos; rebela-se. Concordo que isto seja, de fato, sobretudo quando os papéis não estão insulados, dose insuportável para o machão."

"... Por profissão, sou professora. Ganho minha vida ensinando sociologia. Se eu dependesse de meu feminismo para viver, seguramente não estaria viva para escrever esta carta. Ao contrário, meu feminismo provoca, em mentes pouco esclarecidas, a insegurança e, por conseguinte, a ira."

Gente negra é puro folclore

Os jornais da chamada "grande imprensa", ano passado, publicaram até suplementos especiais para destacar as comemorações em torno dos aniversários das colonizações italiana e alemã no Sul do País; a migração japonesa também já mereceu um espaço grande nestes mesmos jornais. É bom verificar, nesse mês de maio, que espaço a "grande imprensa" vai ceder a este evento realmente importante: os 90 anos da abolição da escravatura. Já se sabe que não haverá grandes festas — os próprios negros até agora não conseguiram se entender sobre a existência ou não de racismo em nosso País, e os brancos têm uma posição bastante conhecida quanto a isso (é o que se diz: "no Brasil não existe racismo, porque o negro conhece o seu lugar"). Tanto que, no Rio, o Ministério da Educação só encontrou um meio de lembrar a data: realizando um seminário sobre a "Contribuição do Negro ao Folclore Brasileiro" (é de 8 a 26 de maio, na Sala Funarte, à Rua Araújo Porto Alegre; informações lá mesmo). Resumindo: após 90 anos de liberdade oficial, o negro continua a ser um incidente puramente folclórico na formação étnica nacional... (AS)

Histórias de pessoas comuns

Os homossexuais de ambos os sexos se recusam a continuar isolados e, num filme documentário que acaba de estrear, **Word is out**, falam claro e sem rubor". É assim que começa um telegrama, divulgado pelas agências de notícias nos primeiros dias de abril, sobre a estréia em Nova York do filme produzido pela "Mariposa Film Grouü", e cujo título poderia ser traduzido livremente por "É isso aí". Os críticos, acostumados aos romances Barbara Streisend e Robert Redford (ou casais congêneres) ficaram espantados com as candentes revelações do filme, no qual 26 homossexuais contam suas vidas mudanças, sofrimentos, alegria e, sobretudo "a forma através da qual fazem ato de presença ante a sociedade".

Word is out (não, ele não vai ser exibido no Brasil) não tem diretor. Os donos da produtora, sete pessoas, selecionara, entre 200 homossexuais norte-americanos de diferentes profissões, idades e procedências, os 26 que melhor podiam expressar seus pontos de vista. A câmera, objetiva, fixa impiedosamente a solidão de Elsa Gidlow, poetisa de 79 anos, lésbica que vive nas proximidades de San Francisco. Logo depois, Harry Hay e John Burnside, ambos sessentões e moradores em Novo México, revelam, de mãos enlaçadas, cheios de felicidade, suas relações de muitos anos, "sempre como um matrimônio respeitável".

Logo depois é a vez de Michael Mintz, negro e homossexual, ex-aluno da Universidade de Princeton, que fala do seu duplo **sufoco**: ser apenas negro ou homossexual já é demais para qualquer pessoa nos Estados Unidos. Para compensar aparecem duas senhoras, cercadas dos filhos dos seus respectivos matrimônios, apaixonadas uma pela outra há nove anos, desde que foram apresentadas uma à outra pela mesma vendedora de produtos Avon.

A seguir é a vez de Dennis Chiu, um chinês, que escondia zelosamente a sua preferência sexual no bairro chinês de San Francisco, onde morava, mas que agora faz questão de dizer o quanto se sente feliz desde que "arrancou a máscara". Muitos dos interrogados falam do trabalho que exercem, enquanto outros, como Betty Powell, negra e professora em uma escola de segundo grau, ressalta o seu empenho em favor do movimento guei e sentencia: "Nós temos muito que lutar para uma reestruturação da cultura do mundo".

Na platéia, em religioso silêncio, os espectadores acompanham os depoimentos dessas pessoas, certamente surpresas por vê-las tão comuns, tão iguais a eles. Essa impressão foi ressaltada por Archer Winsten, crítico cinematográfico do **The Post**, que encerrou assim o seu comentário sobre **Word is out**: "ao término da projeção deste documentário importante e revelador, se tem a impressão de que acabou-se de ouvir as opiniões e anseios de seres mentalmente sãos e honestos, que tratam de obter um lugar honroso na sociedade americana". O fato de que este **lugar honroso** possivelmente já não existe, no entanto, deve ser levado em conta, senão pelo crítico do **The Post**, ao menos pelo pessoal da Mariposa Group Film. Afinal de contas, é pelo menos compensador saber que os homossexuais foram de tal forma discriminados pelas "pessoas honradas" da Era Nixon, que não havia um só deles entre os notórios personagens do escândalo Watergate. (Aguinaldo Silva)

Sem essa de entregação

Duas observações: a primeira é sobre o pavor que baixou em algumas pessoas quando estas receberam em suas casas, não mais que de repente, um exemplar do número zero de LAMPIÃO. "Como será que eles descobriram?" — Foi a pergunta geral. A resposta é que o jornal foi enviado a cinco mil pessoas, sem distinção de credo, raça ou preferência sexual. Se algumas dessas eram diretamente interessadas nos assuntos abordados por ele, foi apenas o que Hollywood chamaria de "mera cincidência". E dessas cinco mil, apenas duas — vide a seção **"Cartas Na Mesa"** — manifestaram-se contra a remessa, mostrando, em relação à absolutíssima maioria, um comportamento estranhamente anormal...

A segunda observação também diz respeito à paranóia que de vez em quando, como um vendaval de filme de Dorothy Lamour, sopra sobre nossas cabeças. Algumas pessoas, principalmente os astros da novela das sete da TV-Globo, manifestaram seu temor sobre alguma possível **entregação**, por parte de LAMPIÃO. E tão aflitos se mostraram que a colunista Tetê Nahas nos procurou para saber se íamos seguir tal linha. Dissemos que não a Tetê, e ela transmitiu a notícia aos astros, mas vamos repetir: esse negócio de jornalismo marrom quem faz é a grande imprensa, meninos, manipulando os belos olhos de vocês sem que vocês sequer percebam. Nós estamos aqui para uma muito outra, e bastante legal.

E o direito de ir e vir?

No País do Carnaval, os machões podem se desrecalcar vestindo-se de mulher em fevereiro. O mesmo parece ser crime durante o resto do ano, quando os machões se vestem de machões. Que o digam os travestis, continnuamente presos e humilhados sob as mais diversas alegações. Mas já tem gente protestando. Em São Paulo, o travesti Kioko (aliás, Pedro Teruo) estava passeando pela avenida enquanto Seu Lobo não vinha mas aí Seu Lobo apareceu: Kioko passou uma semana na cadeia, sem que ao mesnos pudesse ser acusado de vadiagem (ele é costureiro por profissão). Então, resolveu procurar um advogado e entrou com pedido de habeas-corpus. Depois de muito vaivém, o Tribunal de Justiça lhe reconheceu, por unanimidade, o direito de livre-trânsito, considerando que o trotoar, seja masculino ou feminino, não merece punição desde que não perturbe a moral ou a ordem pública. Hoje, Kioko carrega consigo um salvo-conduto fornecido pela Justiça, garantindo-lhe o direito de passear à vontade. Exibir um salvo-conduto nada mais é do que o amargo atestado de que nos falta até mesmo o direito de andar. Afinal, quem define leis e direitos no País do Carnaval? Basta abrir os jornais. (J.S.T.)

Bruna Lombardi e Ignacio de Loyola. Ao fundo, o reporter Mílton Hatoum

Na Livraria Cultura, um grupo de leitores, atônitos diante do jornal

Adão Acosta, Gasparino Damata, Aguinaldo Rayol e João Antônio

LAMPIÃO na Paulicéia Desvairada

A revista **Isto E**, que assumiu simpaticamente sua condição de "madrinha" do nosso jornal (designou o repórter Milton Hatoum para a cobertura jornalística), classificou o lançamento de LAMPIÃO em São Paulo de uma "maratona **gay**" cujas etapas "foram cumpridas com rigor (e fervor) religioso". Não gostamos do **fervor**, e preferimos substituí-lo por **humor**, este que fez com que passassemos a chamar o repórter Hatoum, durante a "maratona", de "o libanês infiltrado" ou " o representante da Organização de Libertação da Palestina em nosssa tropa de choque".

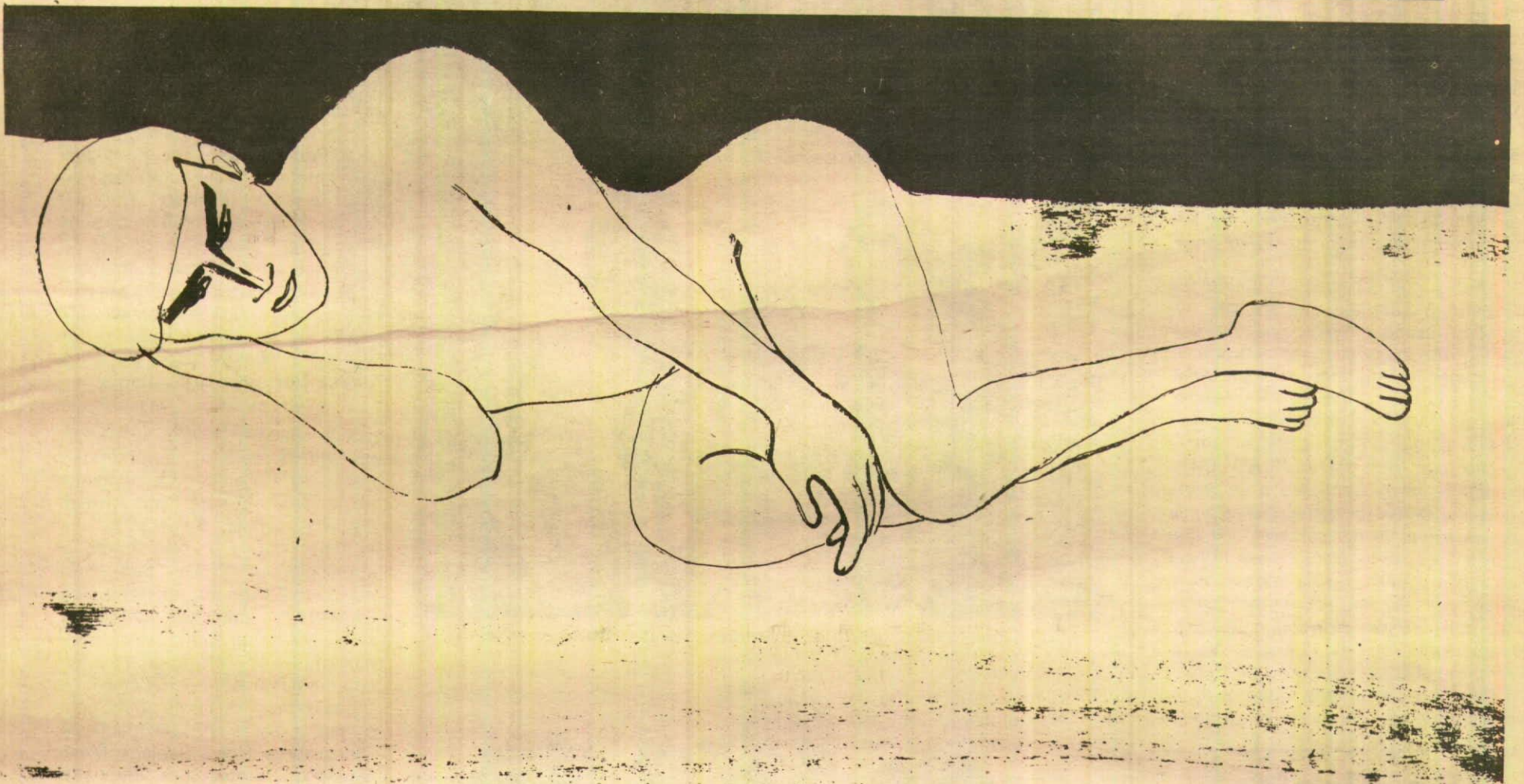
De qualquer modo, fervorosos ou bem humorados, cumprimos a nossa parte. Primeiro foi o coquetel na Livraria Cultura, na Avenida Paulista; depois, o jantar no restaurante **Circus** e, por último, as apresentações no **Gay Club** (frase de Cláudia Wonder, ao distribuidor LAMPIÃO com os presentes: "Chi, acho que sou o primeiro jornaleiro travesti da história). Isso sem falar na passagem por lugares afins: todos os bares do Largo do Arouche e mais as casas noturnas paulistas: **Dinossaurus, Homo Sapiens, Men's Country, Sombrassom**, etc.. Em todas elas deixamos nosso rastro — exemplares do jornal fartamente distribuídos. Só que agora acabou a festa e, quem quiser ler o jornal, terá que assinar(**vide** o cupom na página 15), ou comprar nas bancas de todo o País.

Dessa badalação toda, selecionamos as fotos aqui reunidas, que servem "para ilustrar essa reportagem".

Lampião's Bouquet (a partir da esquerda): Peter Fry, João Silvério Trevisan, Celso Curi, Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, João Antônio Mascarenhas e Darcy Penteado

Fotos de Juca Martins

LITERATURA

Em vez dos poetas novos que LAMPIÃO prometera em seu número zero, três poetas consagrados: o paulista Mário de Andrade, o baiano Sosígenes Costa e o carioca Schmidt. Por quê? O motivo é simples: a maioria dos poemas recebidos não chegou a tempo para a seleção prévia, e vai esperar até o próximo número. De qualquer forma, os poemas aqui reunidos não o foram por acaso: primeiro porque eles representam uma incursão desses três poetas num território que geralmente lhes foi estranho (eles se referem à beleza do adolescente). Segundo porque os três provavelmente serão incluídos numa antologia de poemas malditos, cujo lançamento LAMPIÃO planeja para os próximos meses. Para ilustrar os três poetas consagrados, um artista plástico da maior importância: Farnese de Andrade, com um desenho também pertinente ao tema. (*Gasparino Damata*)

ODE

Eu te falarei dos grandes instantes
Em que tua cabeça adolescente
Adormeceu cansada sobre os meus ombros.
Eu te falarei dos grandes instantes
Em que teu espírito recebeu
As minhas palavras
E os teus olhos ardentes revelaram a tua ingênua compreensão
Eu te falarei dos grandes instantes
Em que a minha música imóvel
Penetrou o teu corpo e criou um ritmo novo para o teu ser
Eu te falarei dos grandes instantes
Em que te senti coroado de violetas,
Em que te senti pleno e perfeito,
Espírito e glória, caloroso como os velhos vinhos.
Eu te falarei da tua clara beleza,
E farei com que a tua nudez
Se revele no teu equilíbrio e no pudor perfeito,
Glória jovem e dionisíaca,
Glória eterna,
Fonte nascida para os altos pensamentos,
Alma trágica como os poentes
E simples como a água das fontes,
Deus jovem, Deus da mocidade esplêndida,
Filho do Grande Amor,
Herói e Criança!

Augusto Frederico Schimidt

SONETO

Aceitarás o amor como eu o encaro?
... Azul bem leve, um nimbo, suavemente
Guarda-te a imagem, como um anteparo
Contra estes móveis de banal presente.
Tudo o que há de melhor e de mais raro
Vive em teu corpo nu de adolescente,
A perna assim jogada e o braço, o claro
olhar preso no meu, perdidamente.
Não exijas mais nada. Não desejo
Também mais nada, só te olhar, enquanto
A realidade é simples, e isto apenas.
Que grandeza... A evasão total do pejo
Que nasce das imperfeições. O encanto
Que nasce das adorações serenas.

Mário de Andrade

SONETO AO ANJO

Por tua causa o meu jardim fechou-se
às mulheres que vinham buscar lírios,
quando o poente cor-de-rosa e doce
punha pavões nos capitéis assírios

Teu beijo como um pássaro me trouxe
o mais azul de todos os delírios.
Por tua causa o meu jardim fechou-se
às mulheres que vinham buscar lírios.

Só tu agora colhes azaléa
e os cintilantes cachos de azuréa
mágica flor que em meu jardim nasceu
Só tu verás os lírios cor da aurora.
Meu pavão dormirá contigo agora
e o meu jardim dourado agora é teu.

Sosígenes Costa

a peça

Nas rodas da engrenagem

Recém-estreada em São Paulo a peça "Engrenagem do meio", de Darcy Penteado, no Auditório Augusta — Rua Augusta 943. A produção é Proarte, a mesma que produziu dois sucessos anteriores, "Adios, Geralda" e Boy meets Boy", e está apresentando "Zoo Story", no Café Teatro Odeon. Direção de "A Engrenagem": Odavlas Petti. Figurinos de Ugo Castellana, cenário do próprio Darcy, assistentes de direção, Celso Cury e Gecila Santos. No elenco está Zecarlos Andrade, o travesti Vera Abelha e Serafim Gonzales. Darcy faz um depoimento sobre este seu trabalho:

"A Engrenagem do Meio" é a minha segunda peça teatral, por ordem de criação. "Espartanos", a primeira das três terminadas, (estou com outras três em preparação) foi preterida até agora por exigência de um razoável espaço cenográfico. De certo modo isto foi bom porque, se "Engrenagem" discute direta e objetivamente a homossexualidade, "Espartanos" significa o passo seguinte, superando tal discussão antes mesmo do início da trama, com os personagens vivendo os próprios sentimentos no seu dia a dia, sem necessidade de conflitos ou afirmações de sexualidade.

A diversificação das minhas atividades profissionais tem me conduzido a diferentes estados emocionais: após trinta e dois anos de atuação nas artes plásticas, a possível emoção se transformou numa rotina bem cumprida. A literatura, por sua vez, tendo comigo um convívio ainda recente, me traz com freqüência novas descobertas de mim mesmo; e o teatro, que já pratico há alguns anos mas que só agora vejo representado, dando dinâmica de vida às personagens que imaginei, recriando o meu texto cada dia, em cada ensaio, dando-lhe nuances e enriquecendo-o, deixa-me a estranha impressão de que, a peça apesar de ter sido muito pensado, planejado e estruturado, ainda restou nele muito por fazer. E isto é mau. Não, acho que não, isto é, tenho certeza que não é, porque a criação artística, mesmo depois de terminada, deve permanecer aberta e suscetível de interpretações.

Na literatura e principalmente no teatro, salvo raras excessões, a personagem homossexual não tem sido perdoada pela sociedade atuante: ou é uma caricatura de ser humano ou um doente mental a causar comiserações, mas que nem por isso escapa de ser marginalizado. Não é apenas uma forma de criação, mas a própria imposição dessa sociedade atuando na vida como na arte: o homossexual é um elemento incômodo e como tal deve pagar o seu tributo. Isto foi quase a regra geral, até agora. Ficava ele então com duas alternativas para ser suportado ou talvez aceito: ou ser o "clown" risonho e divertido (os homossexuais, regra geral, têm senso de humor) colhendo as quireras que lhes jogavam do banquete, ou aceitar a castração da sua personalidade autêntica, vivendo prensado dentro dos moldes e conforme as vontades da mentalidade heterossexual. O velho jogo vitoriano do "você disfarça e eu faço que não sei". E dizer que muitos viveram assim e outros continuam vivendo dessa maneira...

"A Engrenagem do Meio" não têm a pretensão de mudar comportamentos, deus me livre, porém recusa-se a estar a serviço dessa mentalidade, mostrando o homossexualismo como uma caricatura ou uma aberração. Ela apenas alerta para a necessidade de identificação dos indivíduos consigo mesmos e com as suas verdades, não importando se assim agindo pisarão nos calos da mentalidade vigente. Logicamente não será um desses conceitos cômodos que se engolem até mesmo a seco, na base do cuspe. É possível mesmo que algumas pessoas fiquem engasgadas, mas isto não me importa. Existe uma frase que tenho, dentro do possível, procurado adotar como um dos meus lemas de vida. Li-a talvez em algum lugar não sei onde e nem sei de quem é — talvez até seja minha e eu nem saiba: "A História se faz pela ação dos contestadores, não dos anuentes".

Ainda uma anotação quase técnica:

Creio ter dado à personagem Tânia, na peça, um fôlego bem maior do que ela teria em termos reais. Pretendi em princípio mostrar um travesti razoavelmente ajustado à sua situação vivencial e acabei, em vez disso, criando um Super-Travesti. Sim, porque ele (ela) é quem desenvolve a trama, conduz os demais personagens, tira as conclusões e determina o conceito. Paciência, que posso fazer? A ação teatral exige síntese, isto é, a ação deve estar cerceada a um tempo e a um espaço físico determinados, ação diversa portanto da vida real onde o fato pode ocorrer sem tais delimitações. Das gentes que circulam por este mundo, o teatro tira personagens que, quando são bem realizados, transformam-se em protótipos. Tânia não será, sem dúvida um travesti comum, talvez seja até bem raro, porém existe. O lugar acanhado a que a sociedade os circunscreve, (os travestis) delimita não só o seu setor profissional, onde além da prostituição eles só podem cumprir duas outrês outras profissões, como também os restringe no âmbito cultural.

Formas de comportamento, além do problema econômico, dependem também da necessidade que as pessoas têm de auto-identificação e esse é um dos conceitos da minha peça. A prova de que a personagem Tânia pode existir como gente, é a própria atriz (ator) Vera Abelha, que a interpreta. Alguns anos antes de estar em cena representando Tânia, Vera Abelha foi um rapaz de família classe-média, com bom nível cultural e que, entre ser um homem de traços inexpressivos e gestos efeminados, ou um travesti que pudesse resultar numa mulher elegante e bonita, optou pela segunda possibilidade. Preconceito por preconceito, melhor enfrentá-lo sob uma proteção de beleza, no que eu acho que Vera teve muita razão.

Darcy Penteado

Vera Abelha e Zécarlos Andrade (foto de Dimas Schtini)

Um recado: "O Amor do Não"

Recado louquérrimo de José Pires Barrozo Filho: "Gente, vou até vocês porque O Amor do Não vem aí. Estive em São Paulo e vi de perto o genial trabalho de Fauzi Arap (autor/diretor do espetáculo) e tudo de bão da incrível moçada da peça. A estréia vai ser no dia 11 de maio, no Dulcina. Queria que vocês badalassem muito sobre, tá? Depois: entrevistas com todo o pessoal do O Amor do Não, podem? Conto com vocês. Álvaro Guimarães, nosso querido Alvinho, faz Lula, personagem assumido (a) e bem lapeano (a). Dá um show de interpretação. Vale vê-lo. João José Pompeu, ator premiado (Molieri/77), é o ponto central e vem a todo vapor com sua posição de poeta em função do Não. Dá pra entender? Carlos Alberto Riccelli é o garotão lindolímpico/estupendo, que deixa a platéia com gosto de gozo na boca. Tem corpo para mostrar e o faz para deslumbramento de todos. Estes atores maravilhosos formam o trio 2001 e mostram-no a verdade silenciosa que nos leva à mesma cabeça: Amor! É espetáculo para ser curtido/analisado e transado numa boa. Informe-se, cara, mas não se ligue, tá?"

o show

As menininhas frenéticas

São seis, as meninas: Dulcilene, Sandra, Regina, Leila, Edir e Lídia. Dito assim, ninguém sabe quem são. Pelos apelidos, entanto, já são mais conhecidas: Nêga Dudu, Sandrita Perão, Tia Rege — ou Rege Frege —, Leiloka, Del Castro e Lidoka. São as Frenéticas, o grupo musical que estourou nas paradas, ano passado, originário da extinta discoteca carioca The Frenetic Dancin' Days onde — como hoje quase todo mundo está cansado de saber — eram garçonetes, relações públicas, apartadoras de brigas de malucos e bêbados, além de atração principal, em shows rápidos, quando dançavam, cantavam e, decididamente, instalavam uma nova instância, de irreverência, ironia e (até auto) gozação no show nacional.

Quem tinha de entender, entendeu. Quem não, não. Quanto ao sucesso, taí mesmo, em números: 80 mil cruzeiros por show, quase 200 mil LPs vendidos há poucos meses do lançamento, as jovenzitas (pois sim!) abordadas na rua para as exclamações, beijinhos e pedidos de autógrafo de praxe. Ocorre que uma parte da crítica passou logo a rotular o acontecido de "modismo", "produto da máquina", essas coisas tais que denotam, quando menos, absoluta falta de imaginação crítica. Eu mesmo me alarmei um pouco, modestamente, quanto o Roberto Moura, do Pasquim, crítico responsável, sujeito sério e honesto, entrou nessa linha de raciocício fácil. Ocorre — gente fina que lê o Lampião; meu caro Roberto, em particular — que as Frenéticas são descendentes diretas dos Dzi Croquettes, por parte de pai e das Dzi Croquettas, de mãe. Que saiba, tres delas, pelo menos, foram Croquettas e teve até uma, a Rege Frege, que acompanhou a rapaziada dos Croquettes em sua revoada por Europa, Paris, filme de Claude Lelouch (aquele diretor de "Um Homem, Uma Mulher," lembram?), sucesso de fato lá fora, que é coisa meio difícil, no duro (!), de artista brasileiro conseguir no exterior.

Agora me digam: os Dzi Croquettes são um modismo? Eles & Elas foram — são — das coisas mais importantes já surgidas na arte enraizadamente brasileira (não confundir ética com estética, embalagem com mercadoria) da resistência cultural. Prestem atenção às Frenéticas, povo entendido desse País. Elas vêm aí com o segundo LP. Todos às lojas. É comprar, ouvir, prestar atenção às interpretações e às letras. Nem todo dia a gente tem grupos do nível de criatividade e coragem das Frenéticas para — procurar — entender. Entenderam?

Antônio Chrysóstomo

o filme

Pobre dama do lotação (1)

Em Copenhague, Dinamarca, existe, entre muita informação sobre sexo, uma revista semanal feminina chamada **Femina**. Nesta revista, um casal de sexólogos, Sten e Inge Hegeler, assinam uma coluna de cartas na qual procuram, sob qualquer aspecto, esclarecer questões sobre sexo. Sendo uma revista feminina, é natural que a maioria dos correspondentes seja de mulheres. O que não é natural, mas de todo expressivo, é que a maior parte das mulheres que recorrem aos sexólogos, o fazem por problemas de frigidez, seja absoluta, parcial, temporária, esporádica, etc...

A todas os doutores Heleger respondem com bastante simplicidade sobre uma tal confusão que tanto homens quanto mulheres fazem entre um falso orgasmo intravaginal e o considerado verdadeiro e único orgasmo feminino, o clitórico. Assim, eles dizem muitas vezes, que as proezas de um homem no sentido de penetração pouco valem e que, ao contrário, um pouco mais de sensibilidade, informação e entendimento entre o casal podem ajudar muito.

A nossa **Dama do Lotação** está alheia a tudo isso e muito mais. Ela se julga fria com o marido, mas não revela em nenhum momento, só ou acompanhada, que não seja totalmente fria; ela não revela que tem desejos ou fantasias, ela não esclarece porque se atira aos homens, ela demonstra ter muito pouco conhecimento sobre si mesma e sobre sexo em geral, a não ser no sentido da procriação, talvez. Existiam obstáculos, censuras externas e interiorizadas nela que impediriam que ela ganhasse consciência do que se passa consigo mesma? E assim, como é que ela pode encontrar um rumo certo para a solução dos seus problemas? Quando encontra alguma saída não a reconhece, pois ela age envolta como que numa completa cegueira e, como diz o povo, a ignorância é cega. Ela nem identifica nem busca a fonte do seu prazer em si mesma, ela espera que o homem a faça sentir prazer; por isso o filme repele a idéia do romance homossexual entre duas mulheres, mostrando a mulher que mantém relações sexo-afetivas com a mãe de Carlinhos como rude, insensível, enfim, inumana (não leia desumana): "a mulher não deve ser fonte de prazer, só o macho proporciona prazer à fêmea". Repelindo o componente homossexual em si mesma, a **Dama do Lotação** embarca na sua viagem sem rumo e até o fim do filme ela não vai chegar a lugar nenhum.

Nada no filme é mostrado claramente, com a segurança de quem afirma. Nesse terreno pantanoso, só restam situações para o público assimilar com facilidade, e estas o público bem pode chamar de situações típicas de pornochanchadas ou melhor, quem sabe, porno-obaoba. Enfim, mais um instrumento da repressão sexual do que contra ela, onde o máximo que se discute é se ela é igual "às outras" ou diferente, e opondo a vida conjugal à liberação sexual — relação afetiva é em casa, sacanagem se busca na rua. Uma mentalidade do tempo de nossos pais, ou avós.

Se ela sente algum tipo de prazer nas suas aventuras, não se sabe, o filme não esclarece; o que parece é que sua desagregação interna aumenta cada vez mais, e o filme termina com a Dama, de vermelho, caminhando resoluta em direção ao cáis do porto. De onde veio, ninguém sabe; ela não se define em nenhum segmento da sociedade, e um espectador sai do cinema dizendo que o filme é um lixo, repelindo a trajetória desagregadora da Dama, com razão.

Paulo Sérgio Pestana

Machismo ataca no balé

Uma lei de Física diz que a toda ação corresponde uma reação em igual intensidade. Não é de estranhar portanto que essa coisa informe chamada Sistema, depois de fazer **Um dia de cão** para aproveitar a onda guei dos anos passados, atualmente utilize o refluxo dessa mesma onda (vide Anita Bryant) e produza o filme **Momento de Decisão (The turning point)**. Isso confirma o que estamos cansados de saber: o Sistema é tolerante enquanto lhe convém e usa a permissividade como uma máscara para esconder e resguardar a natureza lupina do lobo.

Momento de Decisão pretende mostrar que bailarino não é sinônimo de viado, ao contrário do que nossa sociedade apregoa. O propósito me parece até interessante, inclusive porque destruiria a idéia de que bicha só serve pra ser bailarino, cabeleireiro e decorador. Acontece, porém, que o filme trata a homossexualidade como um mal a ser corrigido e usa a heterossexualidade para **recuperar** a imagem do bailarino, para melhorar suas credenciais. Senão vejamos: o russo Yuri (Mikhail Baryshnikov) é apresentado como um Don Juan que atravessa o filme conquistando e reciclando mulheres. É verdade que o donjuanismo já foi sobejamente associado com a homossexualidade reprimida. Mas não é o que pensa o diretor da Companhia de Balé: ele exulta porque o conquistador Yuri "mostrará aos jovens americanos que não devem mais temer o balé". Enquanto isso, alude-se ao romance entre dois bailarinos como coisa do passado, na medida que ambos se "regeneraram": um deles tornou-se o frio gerente da Companhia, enquanto o outro passou a ser um professor de balé e tranqüilo pai de família na província.

Além disso, certos personagens femininos funcionam como reparadores da masculinidade ameaçada. É o caso de Deedee (Shirley McLaine), que abandonou uma promissora carreira de primeira bailarina para fazer filhos e provar assim a virilidade do marido conhecido como bicha. Mas o filme quer se mostrar sensato e objetivo, e para tanto se reveste de meios-tons permissivos, como no diálogo onde Emília e Emma (Anne Bancroft) conversam com naturalidade sobre as preferências homossexuais de um antigo bailarino do grupo. Tal naturalidade se revela forçada e incapaz de disfarçar as intenções proselitistas do filme com seu medo irracional à homossexualidade; basta lembrar que o único personagem obviamente bicha é o jovem coreógrafo apresentado como temperamental e antipático.

Com isso tudo. **Momento de Decisão** mais parece um jingle (dramalhonesco e burro) sobre a heterossexualidade. Resta saber se teria sido financiado pelo Departamento de Estado americano (assustado com a "propagação" das bichas) ou por algum produtor cinematográfico de consciência culpada (que rolou na cama de bailarinos e depois se arrependeu).

João Silvério Trevisan

Pobre dama do lotação (2)

Qualquer obra dita artística reflete a ideologia de quem a elabora. Por isso o discurso artístico tornou-se um instrumental apropriado às ciências humanas para se perceber qual é a da classe média. Só que Neville d'Almeida — **Dama do Lotação** — e Cacá Diegues — **Chuvas de Verão** — não precisavam exagerar tanto; os dois, nos seus últimos filmes, refletiram aguçadamente todo o preconceito da classe a que pertencem.

Não estou discutindo o caráter estético dos dois trabalhos, não é isso não. Mas sim, a impiedade (para usar a própria linguagem do poder), o desrespeito humano e a incrível desumanidade com que tratam o homossexual. Tanto em **Dama do Lotação** quanto em **Chuvas de Verão** as personagens mais desumanas e cruéis são exatamente os homossexuais.

Em **Dama do Lotação**, a amiga da mãe de Carlinhos é da pior espécie humana; intrigante, trata com absoluta violência o amante, como qualquer cafageste de esquina. Em **Chuvas de Verão**, a personagem mais idiota, abobalhada, hipócrita e sem-vergonha é um homossexual. Vive a comprar vestidos que usa em festinhas de embalo. Vomita sobre o pai da mulher e seus vizinhos e confessa que aprendeu a roubar os outros para não sentir mais o cheiro de cocô das valas suburbanas, de onde saiu.

Em **Dama do Lotação** até que o problema é menos grave. Afinal, Nélson Rodrigues é base do argumento e o filme é mesmo uma pornochanchada. Em Nélson sempre se encontra esse tipo de desprezo humano. É só ler seus livros ou ver filmes baseados em sua obra, sobretudo **O Casamento** e **Toda Nudez Será Castigada**, não por acaso um e outro de Arnaldo Jabor (eis mais um representante da ideologia da classe média puritana e esclarecida).

De **Chuvas de Verão** esperava mais. Confesso meu engano. A barra é muito pesada porque aparentemente mais intelectualizada, apesar da propalada simplicidade industrial, e com pretensões psico-analíticas.

Talvez a causa de tudo seja o terrível medo da platéia e a propalada busca de conquista do mercado (quanto mal em teu nome, ó consumidor).

No fundo tudo é sempre igual, e estranho é a indiferença da crítica diante da atitude desses dois representantes da cultura estabelecida (e bem estabelecida. Mais do que se pensa). A mesma indiferença com que se contemplou os autores de um anúncio que nos rondou televisão afora, e nos encheu os **out-doors** recentemente: aquele da feira de utilidades domésticas, no qual um homem, com chapéu napoleônico, carrega em seus braços o objeto que acabou de comprar na feira: uma mulher. Que, por sinal, solta gritinhos de satisfação.

Alceste Pinheiro

O que o cinema nunca contou

Desde que se inventou o cinematógrafo, foram inúmeros os homossexuais que fizeram filmes. Seria interessante reexaminar, à luz de sua homossexualidade, a obra de Eisenstein, Von Sternberg, Murnau, Cocteau, Visconti, Pasolini, Lindsay Anderson e Rainer Fassbinder, para tentar descobrir como ela se expressou e que contribuições específicas trouxe à sua arte. Apesar de clandestina, existe sim uma cultura homossexual, que criou signos próprios ou adquiriu formas sofisticadamente sublimadas. O jornal socialista americano **Jump Cut**, dedicado ao cinema, integrou-se na tarefa de desvendar essa cultura, publicando uma secção inteira sobre **Os homossexuais e o filme**.

A rigor, só se pode falar de um cinema abertamente homossexual no setor das produções porno; ainda que elas sejam inteiramente desconhecidas no Brasil, é sabido como a pornografia tem sido tantas vezes a única alternativa para os homossexuais explorarem sua sexualidade. Quanto às produções regulares, geralmente apresentam o homossexual como um poço de desespero e decadência, criando uma enorme coleção de "suicidados" — desde **Juventude Transviada** até **Noite Americana**. São muito significativos, nesse sentido, os filmes de Bernardo Bertolucci, que começou sua carreira como protegido de Pier Paolo Pasolini. A homossexualidade está presente em toda sua obra, partindo da franca simpatia dos primeiros filmes até a total abjuração nos últimos trabalhos — de subversivo, o homossexual vira decadente. Ambas as tendências chegam a se chocar em **O conformista**, onde os personagens homossexuais se dividem entre libertários hedonistas e fascistas sexualmente reprimidos. Já em **Último tango em Paris**, o erotismo anal é associado com a morte, a dor e a crueldade.

Bertolucci acha que os fascistas "não atingiram a maturidade sexual e por isso movem-se num universo sado-masoquista". Ora, no monumental **1900**; seu mais recente filme, o líder fascista é um homossexual que gosta de assassinar adolescentes, depois de tê-los violado. Sintomaticamente, Bertolucci interliga também campesinato revolucionário com virilidade: quando os dois protagonistas de **1900** comparam o tamanho de seu pênis, o pobre diz para o rico: "o meu é maior porque eu sou socialista". É natural portanto que essa associação entre Falo e Poder conduza a maniqueísmos do tipo virilidade/socialismo versus homossexualismo/fascismo. Aliás, Hitler já usara o mesmo raciocínio, ao inverso; para ele, bicha era sinônimo de comunista. Ou seja, os homossexuais são bodes-expiatórios tanto da direita quanto da esquerda repressiva. Esse é um bom motivo para eles começarem a contar sua própria História. No Brasil também.

João Silvério Trevisan

a exposição

SENSUALIDADE REPUGNANTE?

Luiz Beltrame, um gaúcho que estudou na Universidade Federal de Santa Maria, correu muito mundo antes de se radicar no Rio, lá pelo início desta década. Jovem, mal entrado na casa dos 30 anos, ele vem lutando como tantos outros de sua geração para se afirmar na profissão que escolheu, a de artista plástico. Embora já conte com vários prêmios em seu currículo e com obras em coleções famosas, como a de Gilberto Chateaubriand, pode-se dizer que só agora é confirmado plenamente no circuito de arte. E isto porque está expondo na galeria mais séria e de maior gabarito do Brasil, a Bonino, do Rio de Janeiro. É a segunda individual de sua carreira e com ela Beltrame entra para o círculo de eleitos do mercado, com aceitação segura para o trabalho, sonho que relativamente poucos artistas deste País conseguem realizar antes dos 50 anos. Mas ele merece.

Foi na Índia, onde residiu por cerca de dois anos, que Luiz Beltrame encontrou a abertura de caminhos para a obra que desenvolve até hoje. Sua "epopéia" indiana, vivida ao lado da mulher e de dois filhos desta, teve lances sensacionais, mas que se encaixam perfeitamente no quadro da grande aventura hippie, cujo ponto mais alto foi a debandada para o Oriente em busca da sabedoria essencial. Beltrame se iniciou em todos os mistérios do Oriente, teve também o seu guru e estagiou num mosteiro nas faldas do Tibete, mas não descuidou de aprofundar seus conhecimentos da arte indiana e inscreveu-se nos cursos da Universidade Visva Bharati. Foi nessa escola superior que ela aprendeu a trabalhar com aquarela sobre papel indiano. A técnica de aguada que usa até hoje — sempre sobre o delicadíssimo papel indiano — é a chave do mistério de sua arte e foi dominada em Visva Bharati.

Seria, no entanto, um erro de enfoque dizer que o trabalho de Luiz Beltrame tem uma inspiração apenas indiana. Na verdade, a fabulação deste artista é principalmente de caráter farsesco, recria em tom de pesadelo e em cenários de cores exangues e inquietantes a iconografia das religiões ocidentais. Isso a crítica oficial ainda não teve olho para ver, porque não lhe interessa. A arte de Beltrame dá calafrios, perpassa por ela um ar de sadismo e malevolência que a torna profundamente incômoda. Incômoda mas atraente. Não se pode deixar de voltar várias vezes ao mesmo quadro onde boia num ar liquefeito uma enorme ossada, ou então aquele onde uma espécie de monge medieval de feições esverdeadas e com nadadeiras de peixe puxa um fio da boca de um animal peludo.

As figuras de Beltrame são fetiches que pairam entre zonas de sensualidade e repugnância. As imagens femininas do artista têm coroas de espinhos ou de cobras, e as masculinas ele crucifica impiedosamente, mostrando um corpo nu e retorcido, ou então apenas os pés e as canelas. É um espetáculo para **voyeurs.** É uma arte **camp.** E tem tudo para ser consumida em massa pelos aficcionados de detalhes.

Mas é, antes de tudo, arte. Está naquela fímbria onde o mimetismo comanda e as coisas podem ser isto ou aquilo, segundo nossa imaginação. As plataformas a que Beltrame recorre constantemente para pousar suas figuras são altares de sacrifício, e assim por diante. É essa ambiguidade que dá ao seu trabalho o toque poético essencial e transfigurador — a capacidade redentora que todos nós esperamos de uma obra de arte.

Francisco Bittencourt

Crônica dos cabarés

Cabarés, circos e bordéis são os cenários naturais e preferidos de Maria Luísa para suas figuras de mulheres decadentes. Desde o dia 16 ela está expondo na Galeria Casablanca a seleção de quatro longos anos de trabalho em 26 telas cheias de cor, detalhes e muita vida. São mulheres em atitude de espera, são figuras tristes mas coloridas e sempre gente.

Maria Luísa começou a pintar em 1970, quando aos 50 anos ficou viúva e sem saber o que fazer de seu tempo de vida. Como terapia usava pincéis, guaches e óleos e aos poucos foi sentindo o desejo de se profissionalizar. Em 1974 fez sua primeira exposição individual e agora, depois de participar de vários salões, coletivas e mostras itinerantes, lança-se outra vez, sozinha, no mercado de arte carioca. Acompanhada de ciganas, apaches, putas e outras figuras decadentes que ela tem presente em todas as suas telas. Cheias de ilusão e de falsas alegrias, como reclamava Cecília Meireles em seus versos! "Que mal faz, esta cor fingida/ Do meu cabelo, e do meu rosto/ Se tudo é tinta: o mundo, a vida/ O contentamento, o desgosto?"

o livro

O amor entre mulheres

Os que falam da ocorrência de uma **revolução sexual** em nossos dias geralmente cometem um grave equívoco, que é confundir permissividade e obsessão — características da sociedade atual — com liberação, tranqüilidade, compreensão e cultura. A pretensa **abertura** que agora se registra ocorreu, com ligeiras adaptações para a época, nos chamados anos 20, e a ela se seguiu um período negro em que todos os preconceitos (e porque não dizer: também a hipocrisia) foram revalorizados. Desse período de trevas o mundo começou a sair nos anos 60, para desembocar nessa década em que, aparentemente, tudo é permitido. Pressão e descompressão, sem que ocorra, realmente, uma reavaliação de valores, a única maneira de evitar um novo ciclo de trevas.

Charlote Wolff, filiada à British Psychological Society, ex-aluna de Husserl e Heidegger — diplomou-se em 1933 na Universidade de Berlim —, e famosa por vários outros estudos, mostra isso muito bem em seu livro **Amor Entre Mulheres** (Editora Nova Fronteira, segunda edição, Cr$ 80,00), no qual fala das lutas e das frustrações, dentro de um meio social que constantemente o rejeita, de um grupo minoritário: as homossexuais.

A autora começa citando Freud, para lembrar que não existe uma linha divisória nítida entre um hetero e um homossexual. Tese ainda hoje explosiva, apesar de definitivamente assentada. Acrescenta que foram os judeus e os cristãos que transformaram o homossexualismo em pecado — e mortal —. E a perseguição aos homossexuais e o subterfúgio que até nossos dias envolve o assunto.

A tese constantemente retomada pela Dra. Charlotte Wolf neste **Amor entre Mulheres** é esta: levando em conta a bissexualidade do homem, o homossexualismo seria normal — ou, pelo menos, os representantes dessa minoria seriam francamente aceitos, se os códigos da sociedade atual não estivessem calcados sobre características patrilineares, e se as relações entre as pessoas não fossem constantemente medidas em termos de **deve** e **haver.**

Amor entre Mulheres solicita, em sua tentativa de reabilitar e esclarecer o assunto, o depoimento de dezenas de cientistas. Dos clássicos Freud e Jung aos contemporâneos e respeitados Konrad Lorenz, Desmond Morris, Ford Beach, Melanie Klein, Levy-Strauss, passando, naturalmente, pelos existencialistas Sartre e Simone de Beauvoir.

Como é possível que, a partir de tantos e tão exaustivos esclarecimentos, dados pelos que detêm em suas mãos a sabedoria e a ciência desse século, a minoria homossexual — como outras minorias — permaneça estigmatizada e rejeitada? Repetimos, aqui, a mais dramática lição que se pode aprender nestes anos 70: permissividade e obsessão nada têm a ver com liberação e cultura.

Aguinaldo Silva

Gente boa escreve contos

Dois livros que LAMPIÃO recomenda: o primeiro é **Pedras de Calcutá,** de Caio Fernando Abreu, que já pode ser encontrado (atenção, distribuidores da Editora Alfa-Ômega: é preciso procurar bastante) nas livrarias: Caio está para os jovens e casmurros escritores brasileiros assim como Ney Matogrosso está para Gonzaguinha e outros casmurros da música popular (vocês entende-m?). O segundo livro está saindo por estes dias. O título é **Cada Cabeça uma sentença** (Editora ática) e a autora Socorro Trindad, está preparando um lançamento carioca no Museu de Arte Moderna (LAMPIÃO estará presente), e depois, um **tour** pelo Nordeste: Recife, João Pessoa, Fortaleza e Natal.

Um abraço do "Gente Gay"

Recebi, com grande satisfação, o número zero de LAMPIÃO. Realmente é motivo de alegria saber que existe um veículo de informação/cultura/divertimento dos homossexuais no feitio e gabarito desse mensário.

Sabem, estou muito contente, satisfeito mesmo, em saber que vocês conseguiram fazer do LAMPIÃO o meu sonho. Sempre pensei em fazer algo assim. Desde o tempo em que comecei, há muitos anos atrás, um jornalzinho despretensioso chamado SNOB. Atualmente faço o GENTE GAY, que estou lutando para melhorar e, melhor dizendo, continuar, o que é mais difícil. Mas mesmo que tudo pare de minha parte, espero que vocês, juntos, possam nos dar todo mês o LAMPIÃO, para que, com orgulho e contentamento, possamos contar com um porta-voz dos nossos sentimentos, ideais e mais ainda, essa porta aberta para se sair do gueto, como diz o Editorial.

Com um abraço fraternal, despeço-me com a certeza de, no momento, ser uma das pessoas mais contentes da vida, por saber da existência do LAMPIÃO.

Agildo B. Guimarães

Rio.

R. — Você para nós, Agildo, é gente finíssima. Entre outras coisas porque sabemos que se você não começasse com o SNOB, nunca chegaríamos a LAMPIÃO. E não o queremos apenas como leitor. Vamos pedi-lo emprestado ao GENTE GAY de vez em quando.

Por causa de Rivelino

Acabo de ler o número zero do jornal de vocês. Está muito bom. A melhor seção é a de cartas, mas o jornal todo tem um estilo irresistível. Quando melhorar a impressão e a diagramação, o que certamente acontecerá, LAMPIÃO vai estourar nas bancas. Façam força para que o projeto vá em frente. Sobre as cartas e respostas que foram publicadas no número zero desejo fazer algumas observações:

1 — A carta de Paulo Bonorino (Canoas, RS) é uma chatura. Ele tem de saber isso: ele é um chato com esse negócio de homofilia, que lembra tanto hemofilia. Homofílico, homofilia são palavras detestáveis. Digam isso pra ele.

2 — Numa das respostas o editor da seção diz que o Rivelino finge ser viril. Por que finge? Também há homens viris, e nós bem que gostamos deles. Que é isso, gente? Não vamos ser preconceituosos a esse ponto. Se todo o mundo desmunhecasse teríamos de acabar nossa vida num convento, já pensaram? Além do mais, Rivelino não só é machão autêntico, como também o homem mais bonito do Brasil, com aqueles olhos verdes e aquele bigodão. Quem fala mal dele é como o desdentado que não pode comer rapadura mas diz que não gosta. Não deixam de publicar minha carta. **Paulo Perdigoto -- São Paulo -- Capital.**

Gostei muito de LAMPIÃO (recebi o número zero na boate **Sótão**, na Galeria Alaska, o rapaz da chapelaria me deu), mas algumas coisas me incomodaram no jornal. Uma delas foi aquela piada com o Rivelino. Mas então vocês não sabem que o Riva é um verdadeiro deus, um colírio para os olhos gueis do nosso Brasil? Que coisa! Achei que vocês deram a maior mancada, falando mal dele. Qual é? **Júlio C. -- Madureira -- Rio.**

Se tornarem a falar mal do Rivelino eu cancelo a minha assinatura. **H.C.F. -- Nova Friburgo -- RJ.**

R. — O comentário sobre Rivelino gerou todos esses protestos, imaginem se falássemos sobre Carmem Miranda... Mas, falando sério, parece que não fomos muito claros quanto ao craque. Ele não só é muito viril, como também é tudo o que os leitores disseram acima. Apenas comete o erro, demasiado freqüente entre os machões, de confundir virilidade com honra. **Doca** Street, por exemplo, fez a mesma confusão no momento em que deu cinco tiros no rosto da pobre Ângela Diniz. E que outra coisa senão essa virilidade "em estado natural, bruta", levaria homens como Michel Albert Frank a abusar de meninas indefesas como Cláudia Lessin Rodrigues? E Araceli, aquela criança de Vitória, lembram-se? Os rapazes que a mataram eram igualmente de uma virilidade exasperante.

Passa fora, machão

Ilmos. Srs.: estou devolvendo a V. Sas. o número de seu jornal que me foi endereçado, e não gostaria de continuar recebendo, pelo simples fato de não ter interesse por este gênero de leitura. Obrigado e atenciosamente,

Carlos R.S.
Rio

endo recebido Vg sem ter pedido Vg exemplar de seu jornal Vg manifesto que não quero receber outroPt

Bruno E. C.
Porto Alegre -- RS

R. — Há algo de errado com Carlos,, o carioca, e o gaúcho Bruno; LAMPIÃO provocou uma enorme curiosidade entre os machões, todos ansiosos por receber, assinar, ler o jornal. Por que será que esses dois se mostraram tão indiferentes?

Um pedido de emprego

Ôi, Lampião, tudo bem? Estou escrevendo para você para perguntar se você me arrumaria um emprego para trabalhar em boate, fazer **chou** (eu não sei fazer nada, mas me ensinando eu faço). Eu me chamo J.C.R., tenho 23 anos, cor morena, 1,74m de altura. Aí vai uma foto minha. Mas não publique no jornal a resposta, porque eu não sei onde comprar. Eu sei seu endereço porque conheci um rapaz de São Paulo e ele me falou de você. Espero resposta ansioso. Meu endereço é (etc., etc., etc.,).

J.C.R.
Sorocaba, SP

R. Sua foto, J.C.R., enganou muita gente. Nós não temos condições de arranjar um emprego para você numa boate, mas podemos publicar o seu pedido. Quem sabe aparece algum empresário aí em Sorocaba e contrate você?

Assumir o quê?

Dizem que temos que "assumir". Um dos pontos chave do movimento guei dos Estados Unidos foi de que "homossexuais" deveriam sair dos 'closets' — deveriam "assumir" a sua "condição".

Agora no Brasil fala-se muito em assumir. Cada um tem que assumir o que 'realmente é', assim se 'libertando', e assim por diante.

Mas que quer dizer isso tudo? Quer dizer que pessoas que por uma razão ou outra gostam de ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo têm que assumir a 'condição' de 'guei', "lésbica", "homossexual", "veado", 'bicha', 'entendido' ou coisa que o valha.

Tudo bem. Será?

Creio que está tudo muito mal, e que o 'assumir', longe de ser uma libertação do indivíduo, constitui-se no mais sutil endossar dos interesses da sociedade patriarcal, pois, o 'assumir' acaba reforçando a idéia de que pessoas que transam com pessoas do mesmo sexo são realmente **diferentes**, assim garantindo o comportamento 'normal' dos outros. Por um mecanismo demais sutil o 'assumir' acaba corroborando esta idéia de diferença e santificando-a nos templos das boates e nos testamentos de jornais como este.

Está na hora de assumir outra coisa. Assumir o direito de transar com quem quiser sem ter que assumir a luta por um lugar no gueto, sem ter que assumir a **condição** de 'entendido', etc., etc... Pessoas são pessoas, e chega.

Guilherme Império
Campinas -- SP

R. — Meu caro Guilherme Império, vamos ver se a gente se entende. LAMPIÃO não disse até agora que as pessoas devem "assumir" a própria sexualidade e se fechar dentro dela, nem pretende dizê-lo. Nós saímos às ruas exatamente para pregar outra coisa: que **transar** (qualquer que seja a forma de **transação**) é gostoso, é saudável, combate a cárie, faz um bem enorme à pele e, acima de tudo, não dá cancêr! E queremos dizer isso não apenas aos homos, mas também aos heteros, pois estes também são prisioneiros do próprio sexo. Entendeu? A gente não está nessa de achar que os homos são o povo eleito de Deus. Agora, também tem uma coisa: é preciso ter cuidado com a maneira como se coloca essas coisas. Muita gente usa esse argumento seu, **de que** o homossexual não deve se **fechar** num gueto, exatamente para justificar a **discriminação**: "se você não falar do seu **problema**, o seu problema não existe". Sem essa: o problema existe, sim; apenas ele não é privilégio dos homos. Veja as mulheres, veja os machões. Está todo o mundo junto, embarcando nessa canoa furada de achar que o sexo tem limites precisos — são dois pra lá, dois pra cá. Nós estamos com Wilhelm Reich (te peguei, hem? O teu nome é apenas uma tradução do nome do velho Wilhelm): viva o prazer! Abaixo as barricadas do preconceito!

CARTAS NA MESA

Lendo o número zero

Fiquei duplamente satisfeito com LAMPIÃO. Primeiro, pelo número experimental em si, segundo, pela preocupação com o fato de o mesmo não ter sido recebido por mim, o que demonstra a seriedade com que o trabalho está sendo feito.

Já recebi o jornal. Ficou muito bom, gratificante. A matéria publicada está num nível excelente. É animador encontrar um grupo sério, capaz, fazendo algo em que acredita. Vocês acreditaram na possibilidade de um jornal que trate do homossexualismo de modo sério, além de abordar outros temas, o que acho importante para que seja um jornal que venha acrescentar algo e não um órgão de "panelinha", que vise apenas badalar o assunto de maneira, às vezes, incosequente.

Parabéns pelo número zero. Vocês estão mostrando que o comportamento sexual não é o ponto de referência do indivíduo; este, como um elemento com determinado papel social a desempenhar, com **todos** *os seus valores, sua cultura, etc. é sua identidade e referência.*

A saída do gueto é importante. Eu diria que ainda mais importante é a "desrotulação". Em "Cartas na Mesa" o Paulo Bonorino fala da impropriedade do termo guei, mas ao mesmo tempo fala em integração à comunidade homófila brasileira, o que entendo por rotular-se de outra forma. O essencial é integrar-se à comunidade sem prostituir-se, sem jogar fora os seus valores. Ter uma visão dos heterossexuais como péssimos ou alienados é tão pernicioso como a opinião destes do homossexual como anormal ou doente.

Concordo com o Frederico Dantas quando diz que é necessário se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual. A imagem da afetação e da frescura perseguem ainda o tema homossexualismo e a corrupção moral em que se encontra envolvida a homossexualidade confere a desconfiança sobre a possibilidade de uma conduta equilibrada, ou seja, sem tentar corromper ou facilitar as coisas para o seu lado. É preciso que isto seja sempre mostrado: o homossexual agindo conscientemente dentro de sua realidade sexual; é um indivíduo comum, sem preocupação de "fazer a cabeça" dos outros, o que por si só é uma asneira.

Ainda sobre o jornal: excelentes as matérias sobre o caso Celso Curi e sobre o Cinema Iris (a reportagem é do Aguinaldo Silva? Lembrei de algo que ele escreveu uma vez sobre o assunto). Também gostei muito do ensaio do Darcy Penteado.

O aspecto cultural me preocupa, não que eu seja elitista ou que pretenda que os homossexuais passem a discutir Laing, Brecht, Mallarmé, etc., mas porque o conceito de que entre homossexuais só se discute sexo ou, como no caso das "bichas" reunidas por aí, o mundo se reduz a paetês e plumas, é extremamente nocivo ao homossexualismo. Nesse ponto, fiquei satisfeito com todo o texto e especialmente com a resposta dada a Elisa Doolitle ("Cartas na Mesa").

Em tempo: livros de Darcy Penteado, Gasparino Damata, João Silvério Trevisan, M. Hoffman, Laura Robson e mesmo o **Corydon** *ou o* **Giovanni** *(J. Baldwin) continuam sendo achados raros. Isso contribui para o desconhecimento sobre o assunto, por parte dos próprios homossexuais. Fica o toque.*

C.S.S.
Rio de Janeiro

"Anônimo" se revela

Três sugestões:

1 -- Deixar de ser tão guei. O jornal pode enfocar outros assuntos, política, saúde, atualidades, comportamento, moda, espetáculos, não se restringindo a assuntos exclusivos gueis. Assim vocês estão indo de encontro aos objetivos do jornal. Estão se isolando e não se integrando.

2 -- Participação feminina. Praticamente só homens (?) escrevem. Há muitas mulheres entendidas (nos dois sentidos) que podem dar uma perfeita colaboração. Há escritoras que são gueis, há mulher guei em todo o canto. Em minha cidade, por exemplo, há mais mulheres gueis do que homens gueis.

3 -- Aumentar a frescura. Tá sério demais. Quase não tem piadas, frescurinhas. Está uma literatura pesada e triste. Que tal uma seção de Receitas do Prazer, inventando modos de como fazer melhor "a coisa"?

4 -- Não me identifico porque não sou guei. Sou casado e bem casado, pai de duas meninas. Na minha juventude primeira transei muito, mais por dificuldades financeiras, embora me desse prazer. Depois casei, deixei tudo que era de bicha. Tenho ainda vários gueis amigos, que são respeitados e estimados por mim e minha mulher, que é evoluída e inteligente.

Anônimo

R. -- Publicamos a carta de Anônimo porque ela contém observações muito pertinentes. 1 -- LAMPIÃO não vai se restringir a assuntos gueis, como se notará já nesse número. 2 -- As mulheres, também já neste número, estão perfeitamente integradas ao nosso projeto. 3 -- Reconhecemos que nosso número zero ficou mais sério do que pretendíamos. Essa é uma coisa a ser corrigida. Quanto ao prazer, cada um que trate de inventar o seu. 4 -- A carta de Anônimo termina com um comentário um tanto aleatório, no qual ele diz que a natureza o favoreceu bastante, quanto a um determinado detalhe anatômico. Ele não deve se impressionar com isso; fizemos uma rápida pesquisa no nosso conselho Editorial e descobrimos que vários dos seus membros mereceram o mesmo favorecimento...

Edições Mundo Livre

Caros editores: acabei de receber o número zero de LAMPIÃO. Excelente apresentação, conselho editorial de primeiríssima ordem, além de excepcional critério seletivo na escolha das matérias. Parabéns! Quem lucra com esta iniciativa libertadora são o que, mais e mais, lutam pela emancipação do ser humano; tema excessivamente comentado (em termos superficiais) e na realidade pouquíssimo praticado.

Aguardem para breve o envio de nossas edições. Desde já, espero que elas mereçam um comentário crítico nas páginas do jornal. Desejando-lhes novos e constantes acertos, despeço-me com um abraço fraternal e libertário.

Nélson Abrantes,
Edições Mundo Livre
Rio

Nem todos os parques são um paraíso

Antônio Roig

No domingo, 31 de dezembro, último dia do ano, fui a Londres para passar a tarde livre. Ao chegar, me dirigi diretamente ao Hyde Park. Fazia muito frio.

Por volta das sete, já muito escuro, me aproximei do quiosque. Ali nos reunimos um homem mais velho, outro de idade mediana e eu. Logo se aproximou outro homem de uns 27 anos. Olhava e desaparecia.

Em certo momento comecei a murmurar: "Padre, Padre". Sabia perfeitamente que eram exclamações absurdas. Meu pai não acudiria. Apesar disso, alguma coisa me obrigava a repeti-las.

O homem de idade mediana e eu nos juntamos. Havíamos notado uma mútua atração. Com precauções, começamos a nos beijar e logo a tocar um no outro.

Repentinamente apareceu o homem mais jovem. Sua aparição foi algo terrível.

— Identificação. Sou polícia — Tinha as orelhas marcadas com cicatrizes. Era quase baixo e pele-vermelha. Vestia umas calças muito justas. Em seus olhos não havia nem um sinal de piedade. Quando disse "sou polícia", tirou do bolso uma carteira que escondeu em seguida.

Meu companheiro era alemão e vivia com uma irmã num endereço que forneceu ao homem.

— Você pode ir embora. Não esquecerei seu endereço. Terá que assumir a responsabilidade por atos indecentes.

Fiquei só.

— Sua identificação.

— Não a tenho comigo.

— Como? Não tem identidade?

Com um soco me derrubou no chão, e começou a me dar pontapés. Depois disse:

— Vamos ao distrito —, torcendo-me o braço, me conduzia à parte mais escura do bosque.

— Não vou por aqui. Vamos à polícia, mas por outro caminho.

— Pretende resistir à autoridade?

Isto pareceu exacerbá-lo. Desabou sobre mim com uma chuva de socos e pontapés. Eu me protegia como podia.

— Vou revistá-lo.

Cheguei a pensar na polícia como uma liberação.

— Não resisto à autoridade. Simplesmente tenho medo de você.

Com outro golpe me jogou no chão. O lábio inferior começou a sangrar. Desta vez não pude me levantar. Tudo girava ao meu redor. Ele inclinou-se sobre mim e apropriou-se do meu porta moedas. Quanto afinal me levantei, me ameaçou:

— Que eu não volte a vê-lo por aqui, porque do contrário o matarei.

Compreendi que era como se me dissesse: "Pode ir. Sei que ficará calado, pois tem contas a pagar".

Ia embora quando a poucos passos alguém acendeu uma lanterna. Era do mesmo aspecto que meu policial, e também fez sua apresentação como tal. O outro lhe falou sobre o meu delito. Compreendi que estavam combinados. O segundo também me revistou.

Nisso um carro da polícia parou junto a nós. Saíram dele vários policiais e os dois homens que haviam abusado [illegible]

— Este aí fazia atos indecentes no Parque. — E o malvado de rosto infantil e orelhas marcadas me apontou.

Então um policial me fez subir no furgão.

— Todo dia apanhamos uma bichona nesse maldito Parque.

Quando chegamos ao distrito ainda não compreendia exatamente o que me havia acontecido. Fizeram que me sentasse. Entravam e saíam policiais. Através dos seus olhares foi que comecei a tomar consciência de minha situação. Um policial, improvisando com o braço uma arma, improvisou em minha direção uma cena de fuzilamento. Creio que sorri muito tristemente.

Fizeram-me muitas perguntas:

— Esta é a primeira vez que pratica uma ação como a de hoje?

— Não sabe que esse tipo de ações, em público, é ilegal nesse país?

— Cometeu um crime.

— Onde trabalha?

— Quanto dinheiro ganha?

— Que fazia na Espanha?

— Que trabalho realizava em seu país — insistiu.

— Era professor.

— E quanto ganhava com suas aulas?

— Eu o fazia... Por beneficência.

O policial me pareceu repugnante. Escreveu a base de minhas declarações uma informação que, lida por ele, no final, não quis aprovar. O do parque procurava se destacar o mais possível, e era de uma sujeira repelente. Devido talvez ao fato de que me expressava com dificuldade, me ofereceram um intérprete.

Houve uma longa espera. A cada momento consultava o relógio. O último trem saía às 11h35min, e não devia perdê-lo se queria que nada transcendesse. Por fim chegou. Um homem velho, que se definiu como neutro. Mostraram-lhe as notas do policial que não quis aprovar, e tratei de lhe explicar:

— Olhe, com estas sutilezas não chegaremos a parte alguma.

Tomei então um papel e redigi eu mesmo o caso. Entreguei-o ao intérprete, que ficou admirado com minha rapidez. Logo me tomaram conscienciosamente as impressões digitais, anotaram a cor dos meus olhos, me mediram. E quando completaram as informações a meu respeito, me indicaram uma cela estreita onde passar a noite. O sargento disse:

— Assim não terá que madrugar amanhã e economizará o dinheiro da viagem. Além disso, aqui tem cama limpa e confortável, e amanhã lhe servirão um bom café da manhã.

— Por favor, deixe-me ir. É preciso que vá e explique algo.

— Não é possível.

— Deixe-me ao menos telefonar.

— Não.

A negativa quiz vir suavizada com um sorriso. O quarto era miserável. A porta se fechou atrás de mim. Dois cobertores. Na parte posterior da tarimba e, dividido por uma tábua, havia um retrete.

Ao me encostar na tábua uma imensa solidão se apoderou de mim. Quem me havia levado àquele local? Me reconheceriam os meus se me vissem naquela situação? Toda a vida eu havia estado definitivamente só. Entendi, então, que estava vivendo minha Paixão. Que nunca, depois daquela noite, minha vida poderia ser a mesma. Que aquela experiência me marcava para sempre.

Por volta das 12h, um policial me avisou que me chamavam pelo telefone.

— Que está acontecendo, Antônio? — Era um dos espanhóis que trabalhavam comigo. Sua voz me reanimou.

— Nada. Amanhã explicarei.

A polícia nos procurou. Disse que o surpreenderam cometendo atos indecentes no Hyde Park. Nesse parque só vão os veados de Londres.

Embora o policial que me interrogou tivesse assegurado que guardariam reserva sobre o caso, já haviam chamado o meu trabalho e deixado o pessoal alerta.

Ao deixar o telefone roguei ao policial que me deixasse banhar o rosto e me desse mais um cobertor. Me doía o rosto e eu tiritava. Esse policial demonstrou sentimentos humanitários. Permitiu que me lavasse e me ofereceu um café. Enquanto o tomava insistiu que contasse a atuação do suposto policial que me havia golpeado. Depois me levou dois cobertores à cela e aumentou a intensidade da calefação. O calor e o cansaço me trouxeram o sono.

Acordou-me depois o ruído metálico da viseira. Por trás desse ruído uma voz me mandou despertar. Me vesti e, como tinha frio, me envolvi com o cobertor. Ainda esperei algum tempo, até que abriram a porta. Logo entrei num furgão semelhante ao da noite anterior. Só na parte traseira cruzamos um setor de Londres. Chegamos onde tinham que me julgar e sentenciar. Primeiro me conduziram a uma espécie de sala de espera, fechada e vigiada por um policial. Havia umas 20 pessoas que esperavam, como eu, sua sentença. Ali voltei a me encontrar com o intérprete da noite anterior.

— Por favor, se quer se ver livre logo, não entre em detalhes. Uma vez ouvida a sentença lhe perguntarão se quer apelar numa instância maior. Eu falarei por você o que decidir agora comigo.

Decidimos que eu aceitaria a sentença sem recorrer a outra instância.

Ao me ver acusado em meio à sala experimentei uma estranha sensação. Ouvi minha sentença; tratei de dizer alguma coisa, porém, ao lembrar do meu intérprete, aceitei-a de todo. O juiz me considerou culpado e me condenou a pagar uma multa de 25 libras.

Depois tudo tomou um ar diferente. Cessou a vigilância e comecei a me sentir outra vez uma pessoa livre. Devolveram-me em uma bolsa os objetos de que me haviam privado na noite anterior e saí à rua para perder-me em meio às pessoas. Lentamente me dirigi para a estação de regresso.

Por volta de uma hora cheguei ao meu trabalho. Entrei por uma porta traseira. Chamei o meu chefe para lhe dar uma explicação do caso. Ele já fora informado pela polícia.

Fechou-se em torno de minha pessoa um muro de silêncio. Dentro de mim um resto de energia me fazia flutuar. Logo pensei que poderia esquecer. Porém dias depois me estava reservado um golpe doloroso que, ao me colher desprevenido, acabou por me fazer desmoronar. Durante o café da manhã notei que meu chefe estava muito sério. Ao acabar, ele se levantou e disse:

— Antônio, vamos ao gabinete do diretor.

Uma vez lá me entregou um jornal. Era o jornal local.

— Leia.

A vista se me nublou. Na realidade, não li mais que por cima. Ali se contava o meu caso em todos os seus detalhes. O diretor se mostrava atingido pelo que aquilo, segundo disse, depunha para o bom nome do Centro. Eu estava sem ação.

— Que diz você quanto ao que está contado aqui?

Não respondi nada. Dentro de mim tudo eram ruínas.

Durante o café fiquei no meu quarto. Não tinha coragem de buscar companhia. O chefe veio me buscar e me obrigou a descer e a ficar com os outros. Uma pena infinita se apoderou de mim.

Logo começaram a me chegar, da parte dos companheiros, sinais de amizade. Quando entendi isso, comecei a chorar como uma criança. Passei vários dias chorando.